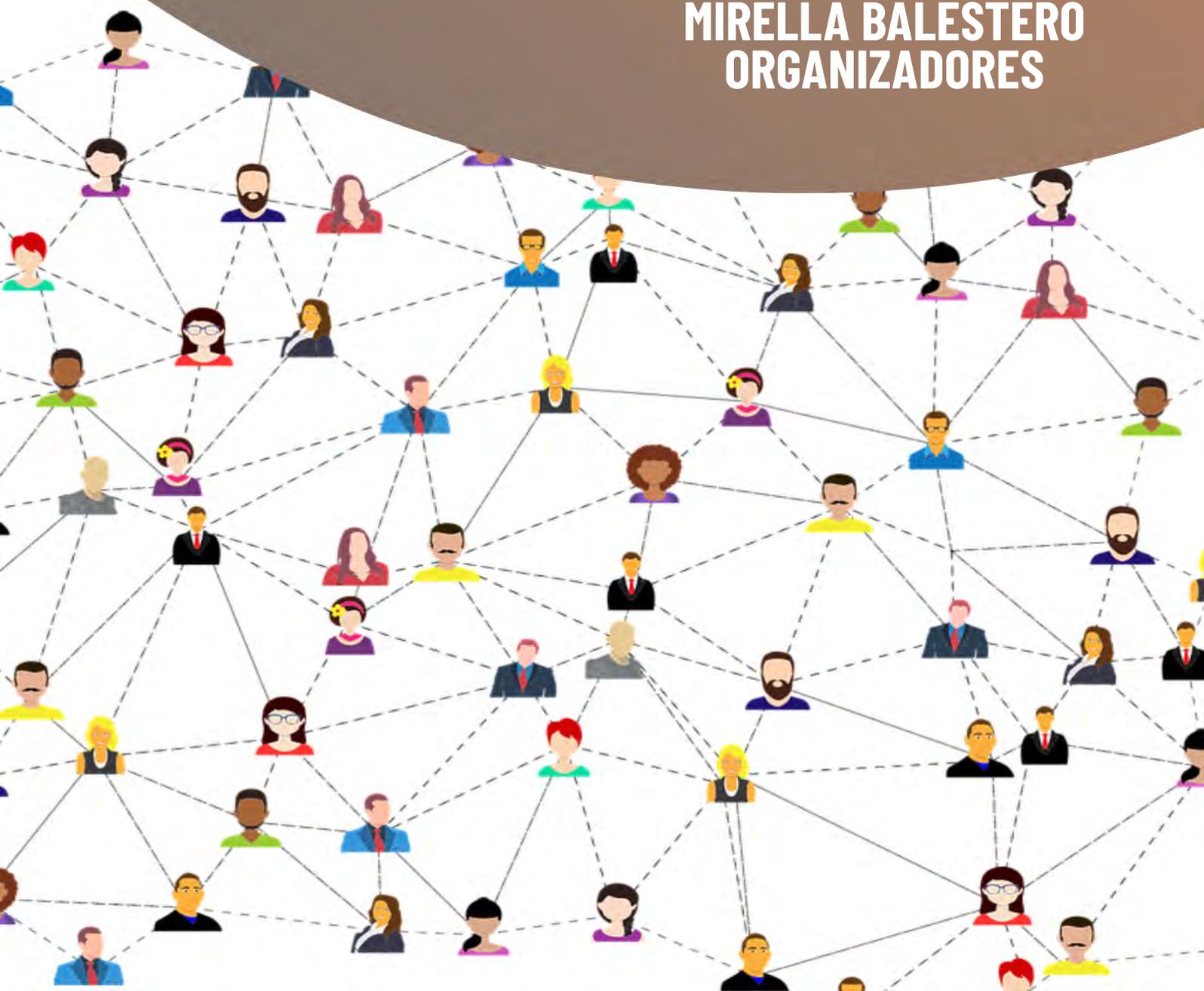


PERSPECTIVAS DE PÓS-GRADUANDOS SOBRE OS ESTUDOS DO LÉXICO NO BRASIL

ARCO
EDITORES ● ● ●

**PAULO SANTIAGO DE SOUSA
MIRELLA BALESTERO
ORGANIZADORES**



PERSPECTIVAS DE PÓS-GRADUANDOS SOBRE OS ESTUDOS DO LÉXICO NO BRASIL

ARCO
EDITORES ●●●

**PAULO SANTIAGO DE SOUSA
MIRELLA BALESTERO
ORGANIZADORES**



Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin, UFOB.

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos, UEL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva, UNIDAVI.

Prof^a. Dr^a. Camila do Nascimento Cultri, UFSCar.

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo, UCB.

Prof^a. Dr^a. Fabiane dos Santos Ramos, UFSM.

Prof^a. Dr^a. Alessandra Regina Müller Germani, UFFS.

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins, UFFS.

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa, UFN.

Prof. Dr. Pedro Henrique Witchs, UFES.

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler, UFSM.

Prof^a. Dr^a. Liziany Müller, UFSM.

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza, UNISC.

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio, UFRGS.

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos, UFU.

Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado, UFJF.

Prof^a. Dr^a. Francielle Benini Agne Tybusch, UFN.

Prof^a DR^a. Mônica Aparecida Bortolotti, UNICENTRO

Prof^a. Msc. Maricléia Aparecida Leite Novak, UNICENTRO

Prof. Msc. Sergio Ricardo Gaspar

Prof^a Msc. Elizandra Petriu Gasparelo, UNICENTRO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Perspectivas de pós-graduandos sobre os estudos
do léxico no Brasil [livro eletrônico] /
organização Paulo Santiago de Sousa,
Mirella Balestero. -- Santa Maria, RS :
Arco Editores, 2022.
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5417-081-9

1. Educação 2. Lexicografia 3. Linguística
4. Pós-graduação I. Sousa, Paulo Santiago de.
II. Balestero, Mirella.

23-141598

CDD-412

Índices para catálogo sistemático:

1. Lexicologia : Formação de Professores : Linguística 412

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



10.48209/978-65-5417-081-9

Diagramação e Projeto Gráfico: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: Designed by canva

Revisão: Organizadores e Autores(as)

ARCO EDITORES

Telefone: 5599723-4952

contato@arcoeditores.com

www.arcoeditores.com

Apresentação

O e-book **Perspectivas de Pós-Graduandos sobre os Estudos do Léxico no Brasil** foi pensado por dois pesquisadores da área, Paulo Santiago de Sousa e Mirella de Souza Balestero, ambos doutorandos em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAR), com a orientação da Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.

A ideia inicial era abrir espaço para autores, principalmente alunos de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, apresentarem seus trabalhos sobre Estudos do Léxico. Em vista disso, tomaríamos conhecimento sobre o que está sendo feito na área.

As contribuições vieram de seis pesquisadores: Theciana Silva Silveira, Pauler Castorino, Rejane Umbelina Oliveira, juntamente com Paulo Santiago de Sousa, e Jean Carlos da Silva Roveri, com seu orientador Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva. Com um breve resumo de cada capítulo, apresentamos o conjunto de textos que compõem esta obra.

O primeiro capítulo do e-book denomina-se **Metáforas visuais na terminologia do petróleo: Angola, Brasil e Portugal** e foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar por Theciana Silva Silveira. A pesquisa tem por finalidade discutir as metáforas visuais em diferentes abordagens e está ancorada no pressuposto de Lakoff e Johnson (2015). Mais detalhadamente, o artigo faz uma análise das metáforas visuais da terminologia do petróleo no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Em seguida, o texto de Pauler Castorino, intitulado **Confecção Terminográfica: glossário de profissões do domínio da moda**, apresenta as primeiras

discussões relacionadas à proposta de criação de um glossário de nomes das profissões da Moda.

Com o trabalho **Pesquisas em Terminologia e Terminografia: alguns parâmetros de análises**, Rejane Umbelina Oliveira e Paulo Santiago de Sousa trazem discussões relevantes sobre trabalhos acadêmicos desenvolvidos por alunos de Programas de Pós-Graduação em Linguística no Brasil que estudam o léxico. Diante disso, reflexões acerca das pesquisas em Terminologia e Terminografia são bem postas neste capítulo.

Por último, mas não menos importante, **A Pedagogia Pós-Método e o ensino de línguas para fins específicos no Brasil: em defesa da abordagem terminológico-discursiva** traz debates a respeito de novos paradigmas para o ensino e aprendizagem de línguas, com foco terminológico-discursivo.

Não poderíamos finalizar este texto sem agradecermos a Arco Editores, por nos dar espaço para divulgar as mencionadas pesquisas, possibilitando alcançar o máximo possível de leitores e incentivar cada vez mais novos estudos no âmbito do léxico em suas diversas abordagens. Ademais, agradecemos aos autores, que confiaram seus trabalhos a nós. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Os organizadores

Sumário

CAPITULO 1

**METÁFORAS VISUAIS NA TERMINOLOGIA DO PETRÓLEO:
ANGOLA, BRASIL E PORTUGAL.....9**

Theciana Silva Silveira

doi: 10.48209/978-65-5417-081-1

CAPITULO 2

**CONFECÇÃO TERMINOGRÁFICA: GLOSSÁRIO DE
PROFISSÕES DO DOMÍNIO DA MODA.....27**

Pauler Castorino

doi: 10.48209/978-65-5417-081-2

CAPITULO 3

**PESQUISA EM TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA:
ALGUNS PARÂMETROS DE ANÁLISES.....45**

Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira

Paulo Santiago de Sousa

doi: 10.48209/978-65-5417-081-3

CAPITULO 4

A PEDAGOGIA PÓS-MÉTODO E O ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BRASIL: EM DEFESA DA ABORDAGEM TERMINOLÓGICO-DISCURSIVA.....67

Jean Carlos da Silva Roveri

Odair Luiz Nadin da Silva

doi: 10.48209/978-65-5417-081-4

SOBRE OS ORGANIZADORES.....88

SOBRE OS AUTORES.....89

CAPÍTULO 1

METÁFORAS VISUAIS NA TERMINOLOGIA DO PETRÓLEO: ANGOLA, BRASIL E PORTUGAL

Theciana Silva Silveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-081-1

Introdução

O estudo da metáfora é um tema que suscita grande interesse por parte dos estudiosos e tem sido abordada em diferentes perspectivas. *Grosso modo*, podemos dividir os estudos metafóricos em dois momentos: (i) aristotélico, século VIII, época em que a metáfora era entendida como um mecanismo estilístico da linguagem, restrito à retórica e à literatura, e (ii) do século XIX até os dias atuais, quando se admite que a metáfora é um mecanismo fundamental para a compreensão das diversas experiências humanas e está presente no cotidiano, segundo Lakoff e Johnson, na obra *Metaphors we live by* (1980).

Considerando os estudos contemporâneos, esse fenômeno pode ser visto desde a sua dimensão cognitiva até sua dimensão linguística. Nesse sentido,

partimos da máxima preconizada por Lakoff e Johnson (2015) que afirmam que a “essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra” (p. 41). É com base nessa premissa que compreendemos o papel fundamental da metáfora para a conceituação de novas realidades, situação que acontece nos domínios técnicos-científicos.

É a partir dessas reflexões que abordaremos o fenômeno da metáfora, dando ênfase nas metáforas visuais. Desse modo, buscamos descrever e analisar as metáforas visuais da terminologia do petróleo, no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)¹. É válido ressaltar que trabalhamos com metáforas linguísticas que, de acordo com Kövecses (2010, p. 4), “(...) são manifestações na forma de palavras ou expressões, das metáforas conceituais, que conseqüentemente representam um nível mais geral.”.

Assim, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: (i) alinhamento teórico acerca das metáforas, embasadas pela TMC; (ii) percurso metodológico; (iii) análises das metáforas visuais; e (iv) considerações finais.

Considerações Acerca da Metáfora e da Terminologia

Neste artigo, entendemos a metáfora de acordo com a perspectiva cognitiva proposta por Lakoff e Johnson, conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Essa teoria surge como uma revolução nos estudos da metáfora, refutando a visão tradicional, e objetiva compreendê-la como um recurso que existe para além da linguagem, fazendo parte não somente do sistema linguístico, mas também do nosso sistema conceitual, presente em nosso pensamento. Com isso, a metáfora é entendida como um recurso utilizado pelos seres humanos em seu cotidiano, em suas vivências e em suas experiências, envolvendo nossas ações e emoções que, por muito tempo e, para a maioria das pessoas,

¹ Mais informações podem ser obtidas em <www.cplp.org>, acesso em 29 de abril de 2022.

foi visto como apenas um recurso de imaginação poética. Nas palavras dos autores, “(...) a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 2015, p. 39, tradução nossa²).

A partir da pressuposição de que a metáfora é onipresente, sua concepção passa a ser vinculada à forma como concebemos o mundo à medida que compreendemos e experienciamos os diferentes fenômenos, o que gera diferentes formas de interpretá-los. Os autores atentam para o fato de que, na maioria das vezes, pensamos e agimos de maneira automática, e uma das formas de descobrirmos esse sistema é por meio da linguagem.

Nesse sentido, a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo, no qual um domínio é representado conceitualmente em termos de outro. Em outras palavras, Lakoff e Johnson (2015) propõem uma relação sistemática entre dois domínios: (i) domínio-fonte e (ii) domínio-alvo. O primeiro é a *fonte*, pois é a origem da estrutura conceitual que inferimos; já o segundo é o *alvo*, meta ou destino, o local de aplicação das inferências.

Considerando essa perspectiva, os processos do pensamento humano são em grande parte de natureza metafórica, assim, entende-se que *metáfora* significa *conceito metafórico*. O referido conceito metafórico é sistematizado, bem como a linguagem que usamos para falar sobre aspecto. Nessa linha de pensamento, Lakoff e Johnson afirmam que

(...) as expressões metafóricas da nossa linguagem se encontram enlaçadas com conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões linguísticas metafóricas para estudar a natureza dos conceitos

2 (...) *la metáfora impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica.*

metafóricos e alcançar uma compreensão da natureza metafórica em nossas atividades. (LAKOFF; JOHNSON, 2015, p. 43, tradução nossa³)

Em síntese, as expressões metafóricas constituem um universo/conjunto organizado e ordenado de enunciados, formando um sistema coerente. Logo, a metáfora é ordinariamente conceitual.

Considerando essa realidade, as metáforas são indispensáveis na construção do pensamento humano, logo, seu emprego é produtivo não apenas na comunicação cotidiana, mas também na comunicação especializada.

No âmbito da Terminologia, por um período, a metáfora foi vista como um empecilho para a comunicação especializada. Isso ocorreu devido ao fato de que a vertente tradicional da terminologia buscava precisão denominativa, ansiando por uma linguagem mais objetiva e sem ruído na comunicação. A metáfora não era desconhecida por esses estudiosos de cunho normativista, apenas não era considerada nessa visão tradicional.

As reformulações desses ideais resultaram em novas abordagens, considerando, então, a dimensão linguística na Terminologia, o que gerou novos postulados, abrangendo os fenômenos da língua, entendendo-os como fundamentais na descrição da realidade terminológica. Assim, fenômenos como a metáfora, a polissemia, a sinonímia, passam a ser considerados intrínsecos também ao universo especializado. Seguindo essa linha de raciocínio, Martins destaca:

O fenómeno da metáfora na linguagem científica não se caracteriza por uma baixa frequência de ocorrência, antes apresenta-se como um componente dominante na linguagem humana. De facto, as expressões figurativas atravessam o discurso científico, principalmente nas fases iniciais do desenvolvimento de uma determinada disciplina e em períodos de pesquisa intensa, entre as quais se destacam as metáforas. (MARTINS, 2003, p. 131)

3 Las expresiones metafóricas de nuestro lenguaje se encuentran enlazadas con conceptos metafóricos de una manera sistemática, podemos usar expresiones lingüísticas metafóricas para estudiar la naturaleza de los conceptos metafóricos y alcanzar una comprensión de la naturaleza metafórica de nuestras actividades.

É com base nas perspectivas que defendem que o termo deve ser entendido nas dimensões linguística, cognitiva e social que esses fenômenos, como a metáfora, passam a ser considerados e valorizados como parte do discurso especializado.

Percurso Metodológico

Para realização deste trabalho, tomamos como base a obra terminográfica impressa intitulada *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás* (doravante DP), organizado por Eloi Fernández y Fernández, Oswaldo A. Pedrosa Junior e António Correia Pinho. Esse dicionário foi resultado de uma colaboração entre Angola, Brasil e Portugal, os três principais países produtores de petróleo no âmbito da CPLP.

Escolhemos essa obra por tratar-se do primeiro dicionário (e único, ao menos até agora) de petróleo em língua portuguesa, com a vantagem de incluir três variedades do português.

Para que a obra pudesse receber qualquer tratamento computacional, era necessário que estivesse em formato digital. Para isso, o dicionário foi desmontado, para que todas as páginas pudessem ficar dispostas uniformemente na mesa de digitalização. O equipamento utilizado foi uma máquina multifuncional (xerox + escâner) disponível na gráfica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Para a revisão da qualidade de digitalização, foi utilizado o programa ABBYY FineReader. Tanto a digitalização quanto a revisão foram realizadas por Clarissa Galvão Bengtson⁴.

Após essa digitalização, o arquivo passou por um tratamento computacional. Esse tratamento consistiu na conversão do texto para o formato XML⁵, de modo a permitir a inserção de etiquetas que indicassem todas as entradas

⁴ Pesquisadora que atua na Secretaria de Educação a Distância (SEaD), na UFSCar.

⁵ *ExtensibleMarkupLanguage* que serve para etiquetar qualquer tipo de dado, facilitando a sua posterior recuperação de forma automática.

em português, os equivalentes em inglês e o restante do verbete. Esse formato XML possibilitou a posterior transformação da totalidade do dicionário numa grande planilha Excel. Toda a parte computacional foi desenvolvida por José Pedro Ferreira, do CELGA-ILTEC⁶ (Portugal).

Assim, os materiais com os quais de fato trabalhamos foram: o DP impresso, o DP digitalizado em PDF e a planilha Excel.

De posse desses materiais, iniciamos a etapa de identificação e seleção dos termos a serem analisados. Todo o trabalho de seleção dos termos foi feito de forma manual. Como se tratava de um trabalho, sobretudo, qualitativo, a ideia era analisar individualmente os termos com base em critérios estabelecidos, buscando compreender o fenômeno da metáfora nessa terminologia.

Para este texto, selecionamos as metáforas visuais – figuras e formas – por consideramos produtivas na terminologia do petróleo.

As Metáforas Visuais na Terminologia do Petróleo: Angola, Brasil e Portugal

Descrição

Na amostra em análise registramos 185 metáforas visuais. Os mais produtivos foram os termos metafóricos constituídos por *onda/ondulado* com 75 ocorrências e *linha* com 65 ocorrências. Ainda obtivemos, *traço* com 22, *cone* com 12, *espiral* com quatro, *espinhal* com três, e, por fim, *círculo*, *triângulo*, *cubo* e *cilindro* com apenas uma ocorrência. Para melhor visualização, observemos a Tabela 1 e Gráfico 1, que apresentam o número de ocorrências e percentuais, respectivamente.

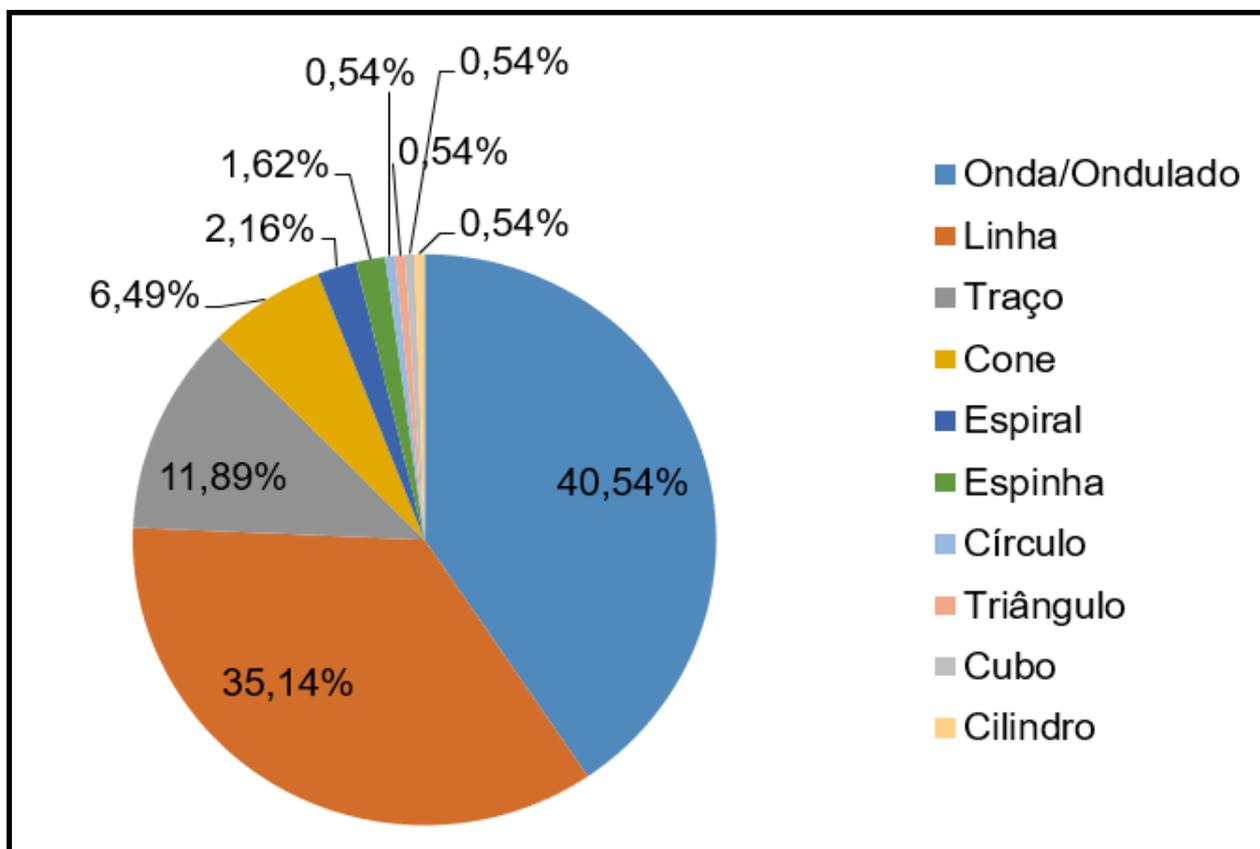
⁶ Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra (Portugal) e Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Ambos as unidades se fundiram em 2015 e têm como atividades centrais a pesquisa e a criação de recursos linguísticos. Mais informações podem ser obtidas em <<http://celga.iltec.pt/>>, acesso em 29 abril 2022.

Tabela 1. Total de ocorrências das metáforas visuais

METÁFORAS VISUAIS	OCORRÊNCIAS
onda/ondulado	75
Linha	65
Traço	22
Cone	12
Espiral	4
Espinha	3
Círculo	1
Triângulo	1
Cubo	1
Cilindro	1
TOTAL	185

Fonte: Autora.

Gráfico 1. Percentuais da distribuição das metáforas visuais



Fonte: Autora.

Em se tratando das metáforas visuais *onda*/ ondulado e linha, podemos observar a grande importância dessas figuras na terminologia do petróleo, considerando sua alta produtividade em relação às outras metáforas. Das metáforas registradas, selecionamos algumas para analisar, considerando o grande número de ocorrências. Escolhemos termos metafóricos que acreditamos ser de fácil compreensão para o público geral, uma vez que trabalhamos com a terminologia do petróleo, considerada altamente especializada.

Análises

As metáforas visuais contribuíram de forma significativa na conformação dos termos metafóricos da terminologia do petróleo. O frequente uso das formas para denominar as entidades no mundo está baseado, sobretudo, nas experiências do cotidiano. Algumas metáforas visuais podem ser explicadas por meio da seguinte fórmula: *que tem forma de x*; outras já possuem em sua denominação o nome da *forma*.

Vejamos os exemplos 1 e 2, respectivamente.

(1) *marca **ondulada*** é a marca *que tem forma de onda*.

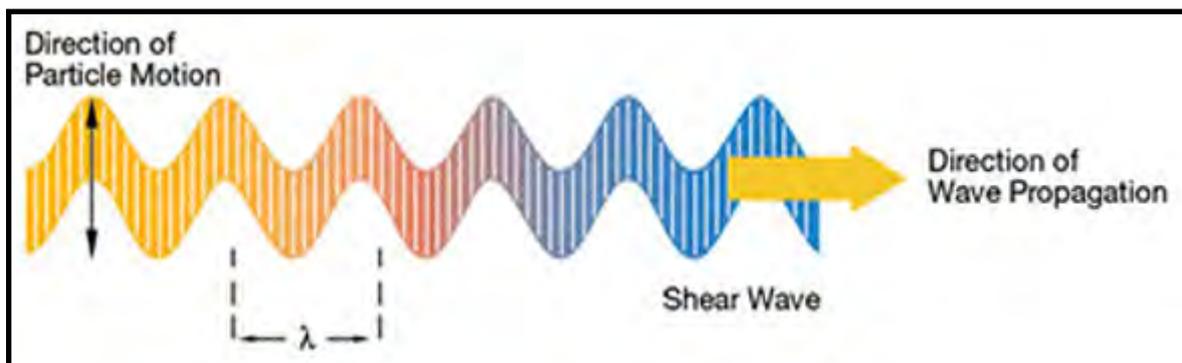
(2) ***onda cisalhante***.

Figura 1 - *marca ondulada*



Fonte: <https://www.mineralienatlas.de/lexikon/index.php/Rippelmarken?lang=de&language=german> (acesso em 24 abr. 2021)

Figura 2 - *onda cisalhante*



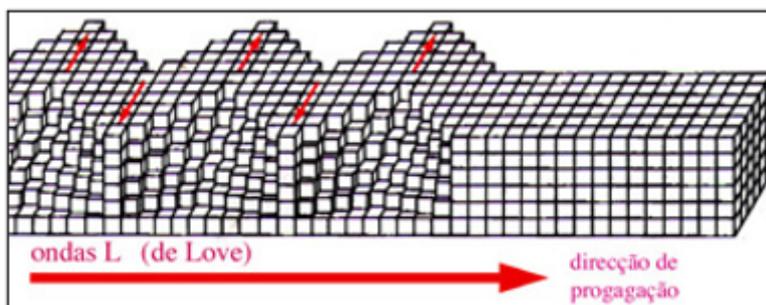
Fonte: https://rc.library.uta.edu/uta-ir/bitstream/handle/10106/24053/Kandukuri_uta_2502M_11839.pdf?sequence=1 (acesso em 24 abr. 2021)

A forma *onda/ondulada* foi a mais produtiva, registrando 75 ocorrências, dentre as quais destacamos: *onda de Airy*, *onda de Biot*, *onda de Love*, *onda de Lumb*, *onda de Mintrop*, *onda de Rayleigh*, *onda de Stoneley*. Todos esses exemplos são termos eponímicos das áreas das ciências exatas. Trata-se de teorias que dialogam com atividades importantes para a área do petróleo e têm como base do sintagma o mesmo termo *onda*. Registramos ainda *ondulação capilar*, *ondulação de areia*, *ondulação cavalgante*, marca *ondulada*. Vejamos o exemplo (3), *onda de Love*, nomeada em homenagem ao matemático Augustus Edward Hough Love.

(3) *onda de Love*

DP: onda sísmica que se propaga na superfície livre de sólidos acamados, caracterizada pelo movimento horizontal das partículas, perpendicular à direção de propagação.

Figura 3 - ondas de Love



Fonte: <https://www.aprh.pt/rgci/glossario/ondasismica.html> (acesso em 24 abr. 2021)

A segunda forma mais produtiva foi *linha*, com 65 ocorrências. Registramos *linha agônica*, *linha de equilíbrio*, *linha de matar*, *linha de terra*, *feixe de linhas*, *berço de linhas*, *processamento em linhas*. Essas *linhas* podem ser imaginárias, fazendo menção à forma, pois ela é muito utilizada conceitualmente para estabelecer limites. É o que podemos ver nos exemplos (4) e (5).

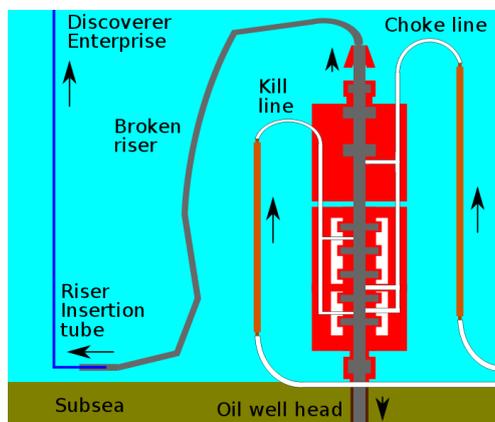
(4) *linha agônica*

DP: linha imaginária ao longo da qual a declinação magnética é nula.

(5) *linha de matar*

DP: linha de alta pressão que interliga o BOP (*blowout preventers*), na cabeça do poço, aos equipamentos de bombeamento.

Figura 4 - linha de matar



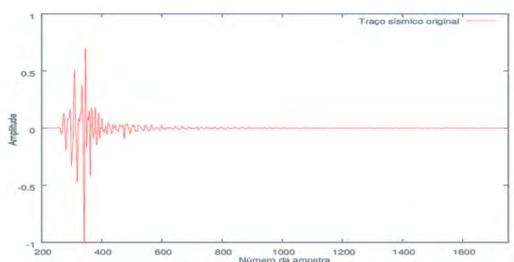
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Subsea_blowout_preventer_stack_riser_mud.svg (acesso em 24 abr. 2021)

A forma *traço* é a terceira com mais ocorrência, contabilizando 22 casos. Com essa forma registramos alguns termos como *traço sísmico*, *traço fantasma*, *traço galvanométrico*, *traço bobo*, *traço piloto*, *silenciamento de traço*.

(6) *traço sísmico*

DP: traço sísmico na direção do qual outros traços são ajustados, na mudança do tempo para correções estáticas ou processos de equalização cruzada.

Figura 5 - *traço sísmico*



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-11-Traco-sismico-real_fig1_261172414
(acesso em 24 abr. 2021)

No que concerne à figura *cone*, registramos 12 ocorrências, as quais destacamos *cone de aluvial* e *penetrômetro de cone*, respectivamente Figuras 55 e 56.

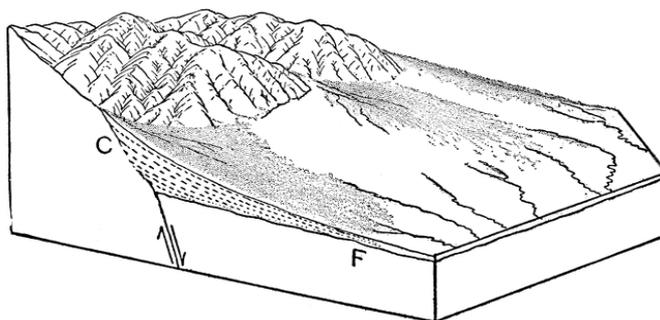
(7) *cone aluvial*

DP: leque aluvial que resulta em depósitos sedimentares de alto declive. É composto de material imaturo e grosseiro, e sua deposição é atribuída a grandes fluxos provenientes de grandes canais ou fluxo de detritos.

(8) *penetrômetro de cone*

DP: instrumento de forma cilíndrica com uma ponta cônica projetada para penetrar no solo e em rocha friável, com a finalidade de medir a resistência de sólidos à penetração de ponta e ao atrito lateral.

Figura 6 - *cone aluvial*



Fonte: <https://globalinch.org/glossary/?page=3> (acesso em 24 abr. 2021)

Figura 7 - *penetrômetro de cone*



Fonte: <https://www.indiamart.com/proddetail/soil-cone-penetrometer-21884760130.html>
(acesso em 24 abr. 2021)

Vale destacar que, no exemplo (7), a metáfora se refere à forma, local de depósitos, e em sua acepção apresenta como arquilexema outra figura, a saber: leque. Com base na Figura 6, podemos observar que as duas figuras – cone e leque – se assemelham, uma vez que a aglomeração de vários cones leva a configuração de um leque. Já no exemplo (8), a metáfora está relacionada à forma do instrumento. Com isso, observamos o uso da metáfora em diversos campos semânticos do mesmo universo.

Com relação às formas *espiral* e *espinha*, foi registrado um número menor de ocorrências. Em se tratando da forma *espiral*, identificamos quatro ter-

mos, são eles: *marca de fluxo espiralada*, *comando de perfuração espiralado*, *poço espiralado*, *espiral de Ekman*; e na forma *espinha* três: *duna em espinha de peixe* (Port.), *molde em espinha* (Port.) e (Ang.), *marca em espinha* (Port.) e (Ang.). Cabe ressaltar que todos os termos relacionados à forma *espinha* foram registrados apenas na variedade de Portugal e de Angola. Vejamos os exemplos (9) e (10), e suas respectivas Figuras (8 e 9).

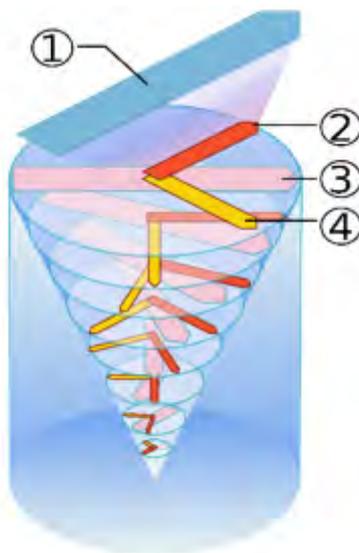
(9) *espiral de Ekman*

DP: mudança na direção do fluxo da água com a profundidade, causada pelo efeito de Coriolis.

(10) *molde em espinha* (Port.) e (Ang.)

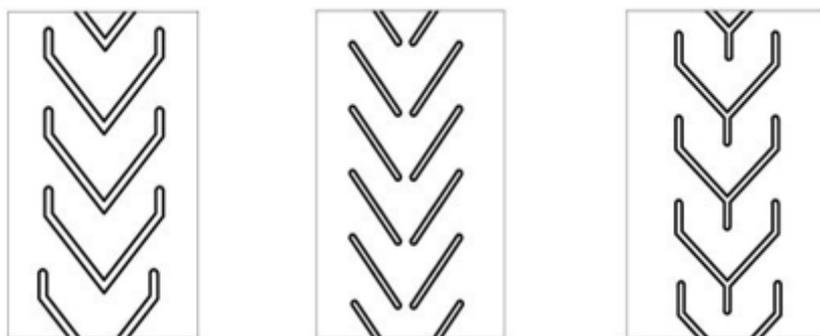
DP: molde de uma marca em chevron, ou seja, semelhante à forma de um V invertido.

Figura 8 - *espiral de Ekman*



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Wind> (acesso em 24 abr. 2021)

Figura 9 - *molde em espinha*



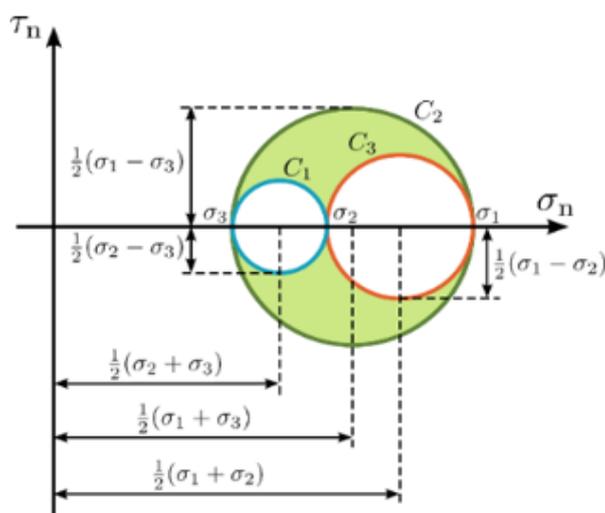
Fonte: <http://ikosar.ro/benzi-transportoare-cu-racleti-chevron-turnati.html>
(acesso em 24 abr. 2021)

No exemplo (9), observamos mais uma vez a presença de termos em que temos o primeiro elemento como sendo a forma, *espiral*, e o segundo, o epônimo. No exemplo (10), é notória, já na acepção do verbete, a descrição relacionada à forma. A sequência horizontal do V invertido, como na imagem, assemelha-se à espinha de peixe.

Houve ainda a presença discreta, com apenas uma ocorrência, de outras formas, são elas: *círculo*, *triângulo*, *cubo*, *cilindro*, como podemos ver em *círculo de Mohr*, *placa triangular*, *cubo de coerência* *camisa de cilindro*.

(11) *círculo de Mohr*

Figura 10 - *círculo de Mohr*



Fonte: <https://esacademic.com/dic.nsf/eswiki/265945> (acesso em 24 abr. 2021)

(12) *placa triangular*

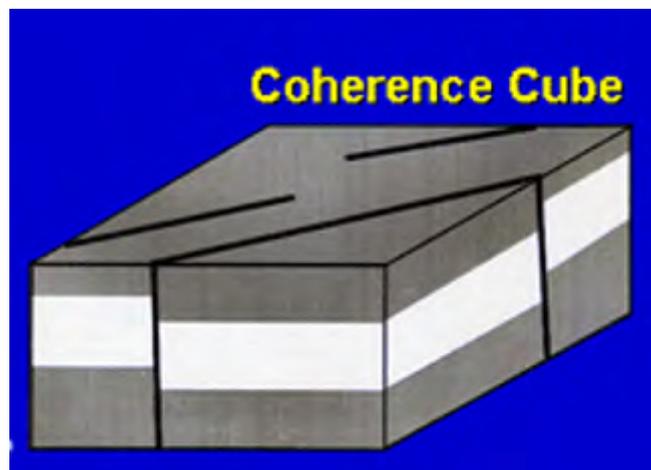
Figura 11 - *placa triangular*



Fonte: <http://www.marineanchorchain.com/product.aspx?tid=133> (acesso em 24 abr. 2021)

(13) *cubo de coerência*

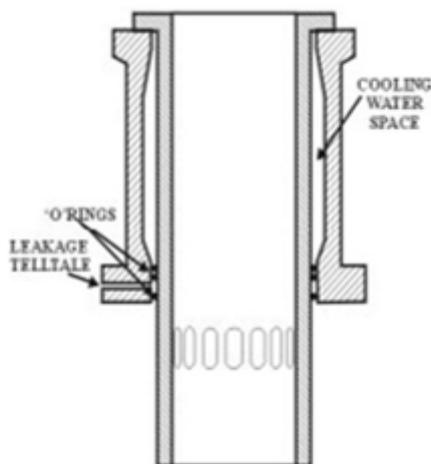
Figura 12 - *cubo de coerência*



Fonte: <http://www.kgs.ku.edu/SEISKARST/attributes.html> (acesso em 24 abr. 2021)

(14) *camisa de cilindro*

Figura 13 - *camisa de cilindro*



Fonte: <https://slideplayer.com/slide/3440521/> (acesso em 24 abr. 2021)

Nesses exemplos é possível observar que todos se referem a figuras geométricas evidenciadas pelo traço *forma*. *Círculo de Mohr*, segundo o DP, é uma representação gráfica bidimensional do estado de tensão ou deformação em um ponto de um determinado material. Por ter como forma central um *círculo* e ter sido criada por Otto Mohr, essa representação é denominada *círculo de Mohr*. Já em *placa triangular*, o primeiro elemento do sintagma é um substantivo (*placa*); e o segundo, um adjetivo (*triangular*), que caracteriza *placa* por meio do traço *forma*, formato de triângulo. Em *cubo de coerência*, a forma geométrica *cubo* está expressa no substantivo do composto sintagmático, diferentemente de *placa triangular*. Por fim, *camisa de cilindro* recebe esse nome por se assemelhar à forma cilíndrica.

Considerações Finais

O presente texto buscou investigar as metáforas visuais da terminologia do petróleo nas variedades do português dos seguintes Estados-Membros da CPLP: Angola, Brasil e Portugal. Como base teórica, fundamentamo-nos em trabalhos com viés cognitivo, tomando como base a TMC, desenvolvida por Lakoff e Johnson.

Para execução desta pesquisa, percorremos uma série de etapas metodológicas que foram fundamentais para selecionar os termos que foram analisados, desde a apresentação do *corpus* lexicográfico, o DP, obra de referência em português, que abarca três variedades do idioma, do setor de exploração de petróleo e gás, passando pelo tratamento computacional, pois necessitávamos que a obra estivesse em formato digital, até chegar na seleção e organização dos dados para análise.

Ao investigar esses aspectos das metáforas da terminologia do petróleo, no que tange às metáforas visuais, especificamente o domínio das figuras e formas geométricas, dentre elas, destacamos: onda, linha, traço, cone, espiral, foi possível perceber a forte presença das metáforas nesse universo que, apesar de ser considerado altamente especializado em seu repertório terminológico, envolve termos que são facilmente encontrados na língua corrente, comprovando que o fenômeno ora estudado está presente no cotidiano e é utilizado pelos falantes de forma natural.

Além disso, vale destacar a forte presença de termos eponímicos. Justificamos a presença desses termos pelo fato de a área de petróleo e gás ser amplamente interdisciplinar, agregando em sua conformação termos de diferentes campos do saber; em áreas como matemática, física, química são comuns o uso desses termos epônimos, pois objetivam, muitas vezes, homenagear cientistas que se destacaram no estudo desses elementos, que criaram determinada teoria. Assim, é bastante comum termos constituídos de metáforas visuais com elementos eponímicos.

Com tudo o que foi exposto, é possível afirmar que estudar esse universo terminológico é de suma importância para descrição da realidade de áreas de especialidade, pois consiste em um campo fértil para análise linguística.

Referências

FERNÁNDEZ, Eloi Fernández y; PEDROSA JUNIOR, Oswaldo A.; PINHO, Antônio Correia de. **Dicionário do petróleo em língua portuguesa: Exploração e produção de Petróleo e Gás, uma colaboração Brasil, Portugal e Angola.** Rio de Janeiro: Lexikon: PUC – Rio, 2009.b

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** University of Chicago press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana.** Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

KOVECSES, Zoltan. **Metaphor: A practical introduction.** Oxford University Press, 2010.

CAPÍTULO 2

CONFECÇÃO TERMINOGRÁFICA: GLOSSÁRIO DE PROFISSÕES DO DOMÍNIO DA MODA

Pauler Castorino

Doi: 10.48209/978-65-5417-081-2

Introdução

Há tempos a esfera da Moda deixou de ser vista ou reduzida apenas a sua efemeridade constante e a sua glamourização, uma vez que diversos estudos a compreendem como um importante fenômeno social e econômico (cf. CRANE, 2006). Nessa linha de raciocínio, Vendrame (2001) argumenta que atualmente esse campo é objeto de estudo de pesquisas da História e da Sociologia, bem como continua ditando e influenciando comportamentos e tendências no círculo social. A autora ainda ressalta que,

Diante dessa realidade, a área tem apresentado um constante crescimento e profissionalização, assim como um desempenho de expressivos resultados tanto no Brasil como no exterior. Em virtude desse fenômeno, observamos o surgimento de profissionais com perfis bastante distintos dos conhecidos até pouco tempo (VENDRAME, 2001, p. 6).

Por esse prisma, neste capítulo, intencionamos apresentar as primeiras discussões relacionadas à proposta de criação de um glossário de nomes das profissões relacionadas ao âmbito da Moda. Essa obra terminográfica dará auxílio a especialistas e estudantes da área em questão, especialmente, aqueles que estão adentrando nesse domínio e/ou aqueles que buscam maiores informações a respeito de uma área particular da Moda. Ao mesmo tempo, poderá contribuir para as *pesquisas linguísticas*¹ que se debruçam sobre a terminologia desse campo. Isso posto, o glossário trará conteúdos conceituais e linguísticos sobre tais unidades especializadas, contribuindo, assim, para uma sistematização terminológica desse setor.

O presente estudo insere-se na parte aplicada da Terminologia, denominada Terminografia. De acordo com Temmerman (2000, p. 230, tradução nossa), “a Terminologia é a disciplina que trata das metodologias e princípios para o estudo terminológico, enquanto a Terminografia é a prática de descrever sistematicamente os dados terminológicos²”. Por esse ângulo, a primeira teria uma face mais teórica nos estudos que envolvem os termos das áreas de especialidades, à medida que a segunda seria a aplicação de métodos que visam sistematizar os itens terminológicos de um domínio. A respeito da Terminografia, Krieger e Finatto (2004, p. 130) afirmam que ela “diz respeito à investigação das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas com vistas à produção de dicionários técnicos e científicos”.

1 É de nosso conhecimento que existem grupos de pesquisas, distribuídos no país, que focalizam na temática do léxico da Moda e/ou que também contenham investigações relevantes a respeito desse domínio, a exemplo daqueles coordenados por Vivian Orsi na Universidade Estadual Paulista (UNESP), de São José do Rio Preto e por Vanessa Regina Duarte Xavier na Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

2 “If Terminology is the discipline dealing with methodologies and principles for the study of terminology, terminography is the practice of systematically describing terminological data” (TEM-MERMAN, 2000, p. 230).

Para melhor compreensão da proposta, o presente capítulo encontra-se dividido da seguinte forma: na primeira seção apresentamos debates prévios a respeito da *macroestrutura* e *microestrutura* do glossário proposto; na segunda seção discutimos acerca da seleção dos termos que irão compor a obra terminográfica; na terceira seção argumentamos sobre a definição terminológica diferenciando-a do enunciado lexicográfico. Ao final, tecemos considerações no tocante à nossa confecção terminográfica.

Da Macro à Microestrutura do Glossário: Breves Comentários

Uma obra lexicográfica ou terminográfica é compreendida como um produto linguístico, que tem como função abarcar um conjunto de unidades lexicais ou terminológicas com seus respectivos conteúdos semânticos-conceituais. Cabré (1999, p. 31, tradução nossa) assegura que esse tipo de obra é dividido em duas partes, a saber, *macroestrutura* e *microestrutura*: “a forma como os verbetes são selecionados e ordenados em um dicionário constitui sua macroestrutura e as informações sobre os verbetes, sua microestrutura³”.

Existem diferentes tipos de produtos linguísticos, no sentido de obra que abarca um número extenso ou não de lexias ou termos, a exemplo de dicionários, vocabulários, banco de dados linguísticos e outros. O glossário, por sua vez, enquadra-se nesse tipo de repertório porque ele apresenta e define os termos de uma determinada esfera, tal como da Medicina, da Linguística, da Moda etc. Sendo assim, ao apresentarmos uma proposta de glossário consideramos que esta obra

[...] servirá como ferramenta na sistematização do conhecimento nessa área específica da atividade humana, na difusão desse conhecimento, no fornecimento de informações especializadas, no registro e recuperação

3 “The way the entries are selected and ordered in a dictionary constitutes its macrostructure and the information about the entries, its microstructure” (CABRÉ, 1999, p. 31).

dessas informações além de contribuir para a normalização terminológica da área, oferecendo base terminológica para a elaboração de outros glossários [...] (FARIAS; BEZERRA, 2002, p. 404).

O glossário, sob essa ótica, é uma espécie de sistematização linguística e terminológica de um domínio particular. Podendo, assim, cooperar para a difusão da terminologia de uma área, ao mesmo tempo em que fornece conteúdos conceptuais da mesma para diferentes consulentes (especialistas, estudantes em formação, pesquisadores, tradutores). Outro ponto importante é o de que esse tipo de obra terminográfica, igualmente, contempla uma estrutura pré-estabelecida e, conseqüentemente, deve conter questões essenciais a respeito de *como foram selecionados os termos; de onde advém a macroestrutura e como ela é organizada; como a microestrutura é ordenada*. Tópicos esses que serão levantados nesta seção e nas próximas.

Dito isso, sabemos que a Moda, enquanto área de especialidade, é extremamente vasta, o que se reflete em seus profissionais, os quais não se limitam apenas ao design (desenho, costura e confecção) das vestimentas e acessórios, uma vez que estes também devem ter conhecimento mercadológico, comportamental, cultural e outros (ANCHIETA, 2010). Em razão da extensão desse campo, é possível encontrarmos distintos textos especializados ou semiespecializados no assunto, a exemplo de artigos, dissertações, teses, livros, revistas e outros, que contemplam a terminologia da área.

Pontuamos essa questão, porque compreendemos que um texto especializado ou semiespecializado tende a transmitir informações a respeito de uma área particular. Isso ocorre, principalmente, por intermédio de unidades lexicais que veiculam “conteúdos específicos do domínio em questão” (BARROS 2004, p. 44). Por essa ótica, nossa macroestrutura será retirada de escritos especializados, ou seja, textos que discorrem sobre o domínio da Moda.

Assim, o conjunto de textos dos quais os termos e contextos de uso serão coletados foi compilado, previamente, por Barbosa (2021). O *corpus* é constituído por mil trezentas e noventa e uma (1.391) legendas das publicações do *Instagram* da revista semiespecializada em Moda *Harper's Bazaar*, doravante *HB*, em sua versão brasileira, coletado entre 01 de janeiro e 30 de junho de 2019. Salientamos também que esse *corpus* é constituído por de onze mil e trezentas e trinta e oito (11.338) unidades lexicais.

Sendo assim, as unidades terminológicas inventariadas desses textos irão integrar a macroestrutura do glossário proposto. Quanto à organização da microestrutura, a mesma será ordenada de forma semasiológica, considerando que “o método semasiológico parte das palavras para identificar seus significados⁴”, ou seja, do significante para o significado, segundo Rauch e Barité (2016, p. 214, tradução nossa). A organização das entradas, ou macroestrutura, será ordenada em ordem alfabética e linear.

Relacionado à composição do verbete, decidimos organizar a microestrutura seguindo os modelos propostos por Krieger *et al.* (1998) e por Alves (2001), privilegiando determinados campos ou informações sistematizadas por elas, adaptados para a nossa obra. Assim, moldamos nosso verbete da seguinte forma: *termo* (em negrito); *etimologia* e *referências gramaticais* (em itálico); *definição* (escrita sem destaque); *contexto retirado da revista* (em itálico); *nota da especialista* (eventualmente); *remissiva* na forma de *conferir* (Cf.) (escrito em itálico e quando ocorrer).

Sob determinados dados que devem ser apresentados em nossa microestrutura, convém destacar que: (i) as informações referentes à etimologia dos termos foram retiradas da versão *online* do *Cambridge dictionary*; (ii) as refe-

4 “[...] el método semasiológico parte de *las palabras para identificar sus significados*” (RAUCH; BARITÉ, 2016, p. 214).

rências gramaticais aparecem na forma abreviada e foram acrescentadas por acreditarmos que estudiosos do campo da linguística, sobretudo aqueles que estudam esse domínio terminológico, possam consultar a obra. Ressaltamos que até o momento, em nossa coleta, só encontramos *substantivos* e alguns *sintagmas nominais*.

No que tange as *notas da especialista*, essas trazem informações enciclopédicas e, às vezes, informações sociais, culturais e profissionais atualizadas a respeito do item terminológico. Para a apresentação das notas contamos com a assessoria da Designer de Moda Isabela Araujo Santos, formada em Design de Moda pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) de Uberlândia, Minas Gerais (MG). Por último, as remissivas (Cf.), assim, como na obra de Alves (2001, p. 17) “relacionam termos que fazem parte do repertório”, sejam na forma de antonímia (*buyer/cool hunter*) ou de sinonímia (*angel/VS angel*).

Vide amostras dos verbetes abaixo:

BUYER, *ing., s. m.*

Profissional que viaja o mundo comprando peças e acessórios que comporão determinadas coleções de uma marca ou grife de moda (cf. COUTINHO, 2010).

Sexta-feira com inspiração tailandesa. @helenabarbero, top influencer e buyer da @nkstore está em Bangcoc a convite da Bazaar e da @emirates captando todas as dicas quentes para o nosso Escape de Março (HB, 2019).

Nota da especialista: Trata-se de uma profissão da Moda, porém não há uma especialização nesse campo. As empresas, geralmente, contratam um profissional formado na área para visitar *showrooms* ou *feiras de vestuários* para adquirir produtos (roupas e acessórios) que serão comercializados em futuras coleções, especialmente, aqueles que combinam com o próprio conceito da marca ou grife.

Cf: *Cool hunter*

COUTURIER, *ing., s. m.*

Designer de moda que desenha e confecciona vestimentas para a alta costura (cf. LAVER, 1989).

Hoje o influente couturier Emanuel Ungaro comemora 86 anos e, para marcar a data, Bazaar conta a sua trajetória na moda (HB, 2019).

Nota da especialista: Trata-se de profissionais que possuem vínculo empregatício com grifes ou ateliês que fazem parte da Federação da Alta Costura e da Moda, da França.

No momento estipulamos tal estruturação para os nossos verbetes. Todavia, caso haja necessidade, ao longo da confecção do glossário essa sistematização poderá ser alterada, tendo em vista que deveremos deixar o verbete o mais completo possível para a compreensão dos consulentes.

CrITÉRIOS para a Seleção dos Termos

Para a seleção dos termos consideraremos dois critérios: *i)* o item terminológico deverá designar alguma profissão do âmbito da Moda; e *ii)* o item terminológico deverá ser um neologismo terminológico, sobretudo um estrangeirismo, visto que há alta recorrência destes no *corpus*. Definimos a neologia terminológica como a criação de um novo termo em uma área de especialidade, o qual terá como função denominar um conceito, um produto ou uma função que não existia em momento anterior na área. Assim, como destaca Rondeau (1984):

Um novo termo aparece em uma linguagem de especialidade (ou linguagem especializada) quando uma nova noção nasce, graças à descoberta de um cientista, um técnico, um tecnólogo etc., em suma, um especialista na área. O novo conceito é nomeado por seu designer em sua linguagem de trabalho. Os novos termos assim criados constituem os novos neônimos originais (NO)⁵ (RONDEAU, 1984, p. 123, tradução nossa).

Os neologismos serão selecionados utilizando as ferramentas *Word List* e *Concord* do programa computacional *WordSmith Tools*, de Scott (2012). Vale ressaltar que esse programa computacional não indica qual é a unidade neológi-

⁵ «Un terme nouveau apparaît dans une langue de spécialité (ou langage spécialisé) au moment où une notion nouvelle voit le jour, grâce à la découverte d'un savant, d'un technicien, d'un technologue, etc., bref, d'un spécialiste du domaine. La nouvelle notion est nommée par son concepteur dans sa langue de travail. Les termes nouveaux ainsi créés constituent des La nouvelle néonymes d'origine (NO)» (RONDEAU, 1984, p. 123).

ca, cabendo ao pesquisador manusear as ferramentas em busca do novo termo. No entanto, o *software* cria lista de itens lexicais (*Word List*), com a indicação de frequência, bem como concebe a lista de concordâncias (*Concord*), a qual facilita a identificação de termos sintagmáticos.

Páez (2020, p. 295, tradução nossa), baseada em Cabré, diz que “uma palavra pode ser considerada um neologismo se seu uso for recente, se não aparecer em dicionários, se apresentar instabilidade formal e se for percebida como nova pelos falantes⁶”. Isso posto, estaremos confirmando o *status* neológico dos termos coletados mediante o critério lexicográfico, que serve como um *corpus de exclusão*, visto que a lematização do item indica a total integralização da unidade na língua, fazendo com que ela perca sua posição de novidade linguística. Ao mesmo tempo, em nosso caso, demonstra que o termo se encontra definido em dicionários gerais ou especializados da língua portuguesa, não cabendo sua repetição em nosso glossário.

A verificação dos termos será realizada em três dicionários de língua geral: o *Dicionário eletrônico Houaiss*, organizado por Houaiss e Villar (2009), o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, organizado por Ferreira (2010) e o *Grande dicionário Houaiss* em sua versão *online*. Da mesma forma, também será feito o cotejo em três obras terminográficas e enciclopédicas da área da Moda: a *Enciclopédia da moda*, de Callan (2007), o *Dicionário da moda*, de Sabino (2007) e o *Dicionário de moda*, organizado por Angus, Baudis e Woodcock (2015).

Expomos que, até o momento, encontramos vinte e quatro (24) termos que demonstram estar no campo conceitual das profissões da Moda. Além disso, notamos que esses contêm exíguas ocorrências no *corpus*, em outras pala-

6 “[...] una palabra puede considerarse un neologismo si su uso es reciente, si no figura en los diccionarios, si presenta inestabilidad formal y si es percibida como nueva por los hablantes” (PÁEZ, 2020, p. 295).

vras, os termos inventariados, em sua maioria, têm baixa frequência nos textos, variando entre uma (1) a vinte (20) aparições. Sobre essa questão, Borba (2003, p. 126) discorre que “há palavras que, apesar da baixa frequência textual, têm interesse por constituírem palavras-testemunho, ou seja, neologismos que, de certa forma, caracterizam um determinado momento da vida social”.

No entanto, como forma de complementação dessa pesquisa, pretendemos, também, aferir a frequência de uso dos termos na *web*, principalmente por ela conter “centenas de bilhões de palavras de texto, as quais podem ser usadas para todos os tipos de pesquisa linguística⁷”, de acordo com Kilgarriff e Grefenstette (2003, p. 333, tradução nossa). Feito isso, por intermédio da *busca avançada do Google* procuraremos os termos selecionados nos últimos dez anos (2011 a 2021) e, caso o índice de ocorrências for abaixo de cinquenta (50), desconsideraremos o item terminológico. A não consideração do termo, parte da hipótese de que o baixo resultado, no período estipulado, pode indicar que o termo não foi aceito pelos especialistas do campo.

Para exemplificarmos essa pesquisa na Internet, expomos os resultados de cinco (5) termos inventariados do *corpus*: a) *angel*, com quarenta e oito milhões e trezentas mil (48.300.000); b) *beauty artist*, com onze milhões e duzentas mil (11.200.000); c) *buyer*, com dois milhões e seiscentas e oitenta mil (2.680.000); d) *couturier*, com quinze mil e novecentas (15.900); e, por fim, e) *hairstylist*, com três milhões e duzentas e trinta mil (3.230.000). Esses números dizem respeito à ocorrência das unidades terminológicas na *web* entre os anos de 2011 a 2021, o que revela o alto índice de emprego deles.

⁷ “[...] hundreds of billions of words of text and can be used for all manner of language research” (KILGARRIFF; GREFENSTETTE, 2003, p. 333).

Ponderações a Respeito das Definições dos Termos

O texto presente após o termo (entrada) tem como função descrever “o conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica”, o que chamamos de definição ou enunciado definicional, segundo Barros (2004, p. 158). Na verdade, trata-se do conjunto de informações a respeito da unidade lexical ou terminológica que encabeça o verbete. Esse, a nosso ver, como apontam Krieger e Finatto (2004, p. 95) é um “elemento-chave na constituição e na veiculação do conhecimento especializado, tecnológico ou científico”.

Os especialistas das Ciências do Léxico costumam distinguir a *definição lexicográfica* da *definição terminográfica* (cf. BARROS, 2004; LARA, 2004). Isso ocorre, pois, um dicionário de língua geral tende a apresentar os traços semânticos de uma determinada unidade lexical de forma exaustiva, como se vê abaixo:

Manga¹

[Do lat. manica, ‘manga de túnica’.]

Substantivo feminino.

1. Parte do vestuário onde se enfia o braço
2. Filtro afunilado, para líquidos
3. Qualquer peça de forma tubular que reveste ou protege outra peça: *a manga do candeeiro*.
- 4.V. tromba-d’água (1).
5. V. mangueira.
6. Parte do eixo dum veículo que se encontra dentro da caixa de graxa e recebe todo o peso do carro (FERREIRA, 2010, *grifo* e sublinhado do autor).

O verbete exposto foi retirado do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* e, por tratar-se de uma unidade homônima, apresenta quatro entradas para a unidade lexical *manga*. Nesse sentido, demonstramos que em um dicionário de língua geral é caracterizado por ter uma definição exaustiva do item lexical. Enquanto que no dicionário especializado, o enunciado definitório se

limita a um recorte semântico específico do termo. De modo análogo, exemplificamos essa fala com o verbete à frente retirado do *Dicionário da moda*:

Manga

Parte da peça do vestuário por onde se enfia o braço. A história da Moda descreve inúmeros tipos de mangas adotadas nas roupas de homens e mulheres, mas, alguns modelos foram mais marcantes como a raglã, a presunto, a morcego, a japonesa e a bufante (SABINO, 2007, p. 423).

No verbete apresentado, observamos que a definição começa indicando uma relação partitiva do termo (*parte da peça*) e, posteriormente, veicula uma informação enciclopédica do item terminológico. Porém, chamamos atenção ao texto definitório que delimita somente o conteúdo conceitual da unidade terminológica no domínio da Moda, não o ampliando para outros aspectos ou outras áreas como na obra lexicográfica de língua. Dessa maneira, constatamos que “a definição terminológica visa apenas dar as informações que permitem distinguir um conceito no interior de um sistema conceitual”, consoante Alves (1996, p. 129).

A definição terminológica geralmente ocorre por meio de hiperônimos, visto que, segundo Silva (2003 *apud* WELKER, 2004, p. 119), “o modelo substancial, hiperonímico ou lógico, que contém o hiperônimo ou gênero próximo e as características específicas do termo definido é a que mais corresponde às necessidades do terminólogo [...]”. Isso, por sua vez, é ressaltado por outros estudiosos como *gênero próximo* e *diferença específica*, vide excerto:

Gênero próximo é a porção da definição que expressa a categoria ou classe geral a que pertence o ente definido. A diferença específica é a indicação da(s) particularidade(s) que distingue(m) esse ente em relação a outros de uma mesma classe. Por exemplo, se tivéssemos uma definição de *cadeira* formulada como *peça do mobiliário que serve para sentar*, o segmento *peça do mobiliário* corresponderia ao gênero próximo, enquanto que *serve para sentar* seria a diferença específica (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 93, *grifos das autoras*).

Em outros dizeres, podemos afirmar que esse tipo de definição parte do conceito mais geral para o mais específico do termo. Sendo assim, nossos enunciados definitórios seguirão o referido modelo, ou seja, do gênero próximo à diferença específica. Vale ressaltar, também, que as definições presentes em nosso glossário foram e serão extraídas de fontes bibliográficas, a exemplo de artigos acadêmicos e *blogs* ou sites especializados e semiespecializados no assunto, sempre com a devida referência, como se demonstra a seguir:

ANGEL, *ing., s.f.*

Modelo de destaque da Victoria's Secret, grife de lingerie, que desfila com asas e que divulga as peças da marca em eventos ao redor do mundo (cf. FERNANDES, 2017).

Bom dia! @adrianalima é uma fashionista de respeito. Angel da Victoria's Secret desde de 1999, a modelo encerrou seu ciclo na marca em 2018, em um desfile emocionante (HB, 2019).

Nota da especialista: Trata-se do nome dado as modelos que desfilavam para a grife da Victoria's Secret. Porém, na atualidade não existem mais desfiles da marca, uma vez que surgiram diversas críticas a respeito da falta de diversidade no *casting* deles, bem como apresentava um discurso de “corpo ideal” magro para o grande público. Nos dias que se correm, a Victoria's Secret perpassa por um reposicionamento de imagem, com a intenção de conversar com o mercado atual, o qual busca representatividade e empoderamento.

Cf: *VS angel*

BEAUTY ARTIST, *ing., s. m,*

Profissional que atua como cabeleireiro e maquiador de modelos (cf. BELLO *et al.*, 2020).

Simplicidade no make e no cabelo foi praticamente uma regra no tapete vermelho do #oscar2019. Hoje a Bazaar convida o beauty artist @w.eliodorio para comentar o melhor da beleza da premiação de cinema (HB, 2019).

Nota da especialista: Trata-se de uma profissão dentro da área da Moda, porém não há uma disciplina voltada particularmente para essa questão. Para que o profissional se especialize nesse ramo, ele terá que fazer cursos de cabeleireiro e de maquiagem direcionado para o domínio da passarela e da fotografia de moda.

Cf: *Hairstylist*

Com base nos destaques, visualizamos que *i)* as definições sempre começam com o gênero próximo, informação geral, do termo: *modelo, profissional* etc.; e *ii)* as definições são seguidas das diferenças específicas: [...] *de destaque da Victoria's Secret, grife de lingerie, que desfila com asas [...]; [...] que atua como cabeleireiro e maquiador [...]*. Ademais, ao final do enunciado, apresentamos a fonte da definição entre parênteses.

Salientamos que há a possibilidade de ocorrerem casos em que não encontraremos uma definição dos termos nos referenciais estipulados, sendo assim, nessas situações, optaremos por conceituar o item terminológico a partir de seu contexto de uso. No entanto, posteriormente, enviaremos essa entrada para a averiguação da especialista da área.

Barros (2004) assevera que, preferencialmente, um trabalho terminográfico deve recorrer a um profissional do domínio investigado, para que esse teça comentários ou orientações a respeito da definição. Um exemplo de trabalho que teve essa parceria com especialistas é o *Glossário de termos neológicos da Economia*, de Alves (2001), visto que os textos definitórios foram complementados por professores do campo da Economia, segundo a autora.

Por essa razão, as definições elaboradas para o nosso Glossário de Designações Profissionais do Âmbito da Moda também passarão pelo crivo de uma especialista da área, como já mencionado anteriormente. Nesse sentido, caso a especialista complemente algum texto definitório, acrescentaremos, ao verbete, uma *nota da especialista*. Destacamos que, em sua maioria, essas informações serão de cunho enciclopédico, trazendo, assim, informações mais enriquecedoras acerca da entrada.

Conclusão

Como já afirmara Émile Benveniste em seu livro *Problemas de lingüística geral II*, lançado em 1989, o conjunto terminológico próprio de uma ciência ou área é um marco histórico, pois representa o seu advento e o seu desenvolvimento. Para esse estudioso do campo da linguagem, um domínio de especialidade “só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação”, ou seja, são os termos que caracterizam e representam uma área técnico-científica (BENVENISTE, 1989, p. 252).

Então, fundamentados nesses pressupostos, interpretamos que há no âmbito da Moda uma vasta terminologia que a simboliza. Na verdade, esse conjunto de termos não retratam apenas as vestimentas, os estilos e as vanguardas do campo, mas também, refletem nos nomes dos especialistas dessa esfera. Por esse motivo, criamos esta proposta de glossário de denominações das profissões da Moda, especialmente, porque tal tipo de obra terminográfica sistematiza e conceitua os termos de um discurso particular, trazendo, assim, maior visibilidade para a área.

Assim, neste capítulo, trouxemos as primeiras discussões relacionadas à confecção do glossário. Em razão disso, definimos, previamente, nossa macroestrutura, que será retirada das legendas das publicações do *Instagram* da revista semiespecializada em Moda *Harper's Bazaar*. Em sequência, estipulamos que os verbetes serão organizados semasiologicamente e em ordem alfabética linear. Ademais, estabelecemos a microestrutura a ser utilizada na obra, baseados nos modelos de Krieger *et al.* (1998) e Alves (2001), que contém os seguintes tópicos: *termo; etimologia e referências gramaticais; definição; contexto retirado da revista; nota da especialista; e, remissiva.*

Destacamos, igualmente, que nosso *corpus* pode ser ampliado, abarcando assim outras profissões que não apareceram no conjunto de textos investigados. A própria microestrutura poderá passar por mudanças, a depender do acréscimo de entradas e de novos dados terminológicos e/ou a partir da necessidade de adequar mais a organização do verbete para os consulentes. Todavia, ressaltamos que esse glossário não deverá ser criado e disponibilizado imediatamente, tendo em vista sua fase inicial, mas, posteriormente pretendemos publicá-lo em forma de livro impresso ou digital, bem como divulgá-lo em alguma página da internet criada propriamente para esse fim.

Conforme ponderamos em nossa *introdução*, esta proposta de glossário terá como público-alvo estudantes da Moda, principalmente, aqueles que estão adentrando a esse campo e/ou aqueles que estão procurando outras especialidades dentro deste domínio. Isso posto, julgamos que não só as *definições* como também as *notas da especialista* podem agregar maiores informações acerca de determinadas profissões. Ademais, prevemos que nossa obra terminográfica poderá auxiliar os trabalhos linguísticos que envolvam essa terminologia da Moda, fornecendo, assim, novos dados e novos conceitos para esses estudos. Em síntese, esperamos que essas discussões possam auxiliar e/ou ampliar pesquisas no âmbito das Ciências do léxico, particularmente àquelas que envolvam a Terminografia, no Brasil.

Referências

ALVES, I. M. Definição terminológica: da teoria à prática. **TradTerm**, São Paulo, v. 3, p. 125-136, 1996.

ALVES, I. M. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ANCHIETA, A. R. A complexidade da moda como profissão. *In*: 6º Colóquio de Moda, 6., 2010, **Anais** [...]. Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda: São Paulo, 2010, p. 1-8.

ANGUS, E.; BAUDIS, M.; WOODCOCK, P. **Dicionário de moda**. Tradução: Gabriela Erbetta; Julia Debasse; Júlia Gouveia. São Paulo: Publifolha, 2015.

BARBOSA, P. C. O. **Neologismos da moda e consumo**: inter-relações entre revistas de moda no Instagram e lojas de vestuário. 2021. 250 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2021.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BELLO, L. C. D.; SCOZ, M.; ROSA, L.; SILVEIRA, I.; RECH, S. R. Moda, imagem e consumo: editoriais de moda como estratégia de comunicação para marcas. **ModaPalavra**, Florianópolis, v. 13, n. 30, p. 70–93, 2020.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários**: uma introdução à Lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CABRÉ, M. T. **Terminology**: theory, methods, and applications. Translated: Janet Ann DeCesaris. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1999.

CALLAN, G. O. **Enciclopédia da moda**: de 1840 à década de 1990. Tradução: Glória Maria de Mello Carvalho; Maria Ignez França. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Dictionary**. 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

COUTINHO, C. Profissão: comprador de moda! **Garotas Estúpidas**, 2010. Disponível em: <https://www.garotasesupidas.com/profissao-comprador-de-moda/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CRANE, D. **A moda e o seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.

FARIAS, E. M. P.; BEZERRA, T. M. F. Terminologia multilíngüe: glossário de termos da moda. *In*: SOARES, M. E. (Org.). **Pesquisas em lingüística e literatura**: descrição, aplicação, ensino. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. p. 404-405.

FERNANDES, H. L. M. **O diabo veste Victoria's Secret**: um estudo sociológico. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade do Minho, Braga, 2017.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss versão 3.0**. Editora Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. Grande dicionário Houaiss. UOL, 2021. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

KILGARRIFF, A.; GREFENSTETTE, G. Introduction to the special issue on the web as corpus. **Computational Linguistics**, v. 29, n. 3, p. 333-347, 2003.

KRIEGER, M. da G.; MACIEL, A. M. B.; ROCHA, J. C. de C.; FINATTO, M. J. B.; BEVILACQUA, C. R. **Dicionário de direito ambiental**: terminologia das leis do meio ambiente. Porto Alegre/Brasília: Editora da UFRGS/Procuradoria Geral da República, 1998.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, M. L. G. de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, 2004.

LAVIER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. Tradução: Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PÁEZ, A. C. Detección automática de verbos del español en corpus y su aplicación para la detección de neología léxica. *In*: III Congreso Internacional de Lingüística Computacional y de Corpus (CILCC) y V Workshop em Procesamiento Automatizado de Textos y Corpus (WoPATeC), 3., 5., 2020, **Actas [...]**. Medellín: Universidad de Antioquia, Medellín, 2020, p. 294-295.

RAUCH, M.; BARITÉ, M. Glosario de Terminología. *In*: CATALÁ, S. Á.; BARITÉ, M. **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2016. p. 197-218.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Chicoutimi: Gaëtan Morin éditeur, 1984.

SABINO, M. **Dicionário da moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**: version 6.0. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TEMMERMAN, R. **Towards new ways of terminology description**: the sociocognitive-approach. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2000.

VENDRAME, M. Apresentação. *In*: FEGHALI, M. K. **As engrenagens da moda**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

CAPÍTULO 3

PESQUISA EM TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA: ALGUNS PARÂMETROS DE ANÁLISES¹

Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira

Paulo Santiago de Sousa

Doi: 10.48209/978-65-5417-081-3

Introdução

Este texto decorre das pesquisas acadêmicas de seus autores em Programas de Pós-Graduação em Linguística no Brasil, circunscritos na área dos Estudos do Léxico, por meio de estudos bibliográficos. Diante disso, faz-se necessário salientar que os últimos anos foram marcados pelo desenvolvimento tecnológico e, em consequência, uma gama de unidades terminológicas surgiu para explicar, descrever, caracterizar novos resultados, procedimentos ou mo-

¹ Este texto compõe a coletânea de artigos publicados nos Anais do III Encontro Regional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, realizado entre 19 e 21 de maio de 2021. Ressalta-se que esta versão apresenta modificações textuais, a começar pelo título. Informa-se ao leitor que a primeira versão do artigo tem o seguinte título: Terminologia e Terminografia: uma incursão às bases teóricas e metodológicas.

dos de se colocar em funcionamento um produto ou em prática algum conhecimento.

Em relação à Terminologia, Cabré (2004) concebe o termo com sentido polissêmico e o remete a pelo menos três noções: a) disciplina, b) prática e c) produto gerado por essa prática. Nas palavras da autora:

Como disciplina, é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática, é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. (CABRÉ, 2004, p. 10).

A língua materna é comum a todos os falantes do português brasileiro, por exemplo, mas, quando se trata do registro de uma linguagem de especialidade, sabe-se que há especificidades a um determinado grupo de socioprofissionais que a utilizam. Na língua portuguesa, quando registramos as palavras que utilizamos, fazemos uso da lexicografia para elaboração de dicionários, ou seja, fazemos uso do fazer lexicográfico. Assim, temos dicionários como Houaiss, Aurélio, entre outros. Portanto, a Lexicologia estuda o léxico de modo geral e a lexicografia é a ciência que registra esse léxico em glossários, vocabulários, dicionários e bancos de dados.

Já em relação às linguagens de especialidade, esse registro também ocorre com a inserção de unidades terminológicas constituídas por termos e frase-
otermos que buscam nomear, conceituar e descrever um conjunto de coisas e atividades peculiares a uma determinada área técnica ou científica. A Terminologia ocupa-se em estudar os termos de natureza técnica e científica, organiza e compila dados terminológicos, bem como elabora materiais terminográficos. Muitos estudiosos, como Biderman (1984), defendem a Terminografia como uma ciência que repertoria e organiza sistematicamente um léxico no dicionário.

No capítulo reservado à Metodologia e a partir dos conhecimentos teóricos, optou-se, a título de organização, por se fazer uma retrospectiva da Terminologia enquanto Ciência no Brasil para, em seguida, buscar a importância da Terminografia como parte do fazer terminológico.

Referencial Teórico

Várias questões costumam incomodar aqueles que trabalham com pesquisas e elaboração de dicionários. Lexicografia ou Terminografia? Essas duas ciências têm a mesma finalidade ou não? A Terminografia é uma ciência atual que substitui a Lexicografia? Que caminho seguir?

A Lexicologia é estudada como uma ciência que pesquisa e descreve o léxico geral das línguas naturais e a Lexicografia, a parte prática da Lexicologia. Na verdade, a Lexicografia já recebeu diferentes definições. Segundo Biderman (1984), por exemplo, é uma ciência que elabora dicionários; e para Borba (2003), é uma técnica de se fazer dicionários. Ciência ou técnica, usando a linguagem de uso geral, a Lexicografia repertoria e organiza sistematicamente um léxico em dicionário, observando os aspectos gramatical e contextual das unidades lexicais.

Já a Lexicografia Especializada, no Brasil, teve sua trajetória marcada no livro *Elementos de História da Terminografia Médica no Brasil*, de BARROS (2005). Segundo a autora, ao se procurar registrar o percurso da Lexicografia no Brasil, não havia dicionários, glossários, mas textos que apresentavam um saber terminológico, com tratamento dicionarístico dos dados terminológicos em relação ao conceito ou à significação. Assim, o estudo da Lexicografia brasileira foi realizado através de análise em textos técnicos e científicos desde o período imperial. A Lexicologia é estudada como uma ciência que pesquisa e

descreve o léxico geral das línguas naturais e a Lexicografia a parte prática da Lexicologia.

Terminografia é um termo mais recente. Estudiosos como Kudashev (2007, p. 157-158), Hartmann e James (1998), e tantos outros consideraram que, assim como a Lexicografia está para a Lexicologia, a Terminografia está para a Terminologia. Ciobanu (2003, p. 60), ao considerar a Terminografia, levou em conta as variantes existentes, como Lexicografia de linguagens especiais, Lexicografia Terminológica, Lexicografia para fins específicos e Lexicografia Especializada.

Marzá (2012) vê a Lexicografia Especializada como uma Teoria fundamentada na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré (1993,1999), associada à necessidade da Terminologia no que tange à comunicação. Em decorrência, percebeu-se que a Terminografia e a Lexicografia Especializada em alguns pontos se assemelham, mas, em outros, não são equivalentes.

Finatto (2014, p. 248), entretanto, considerou a Lexicografia das linguagens de especialidade um sinônimo de Lexicografia especializada ou Terminografia, cuja finalidade é a descrição linguística, conceitual e pragmática das unidades terminológicas (Uts) de um ou mais domínios. O objetivo é produzir dicionário, glossário ou vocabulário especializado.

As duas ciências têm o mesmo objeto de estudo (o léxico), um mesmo produto e um mesmo objetivo, que é a criação de dicionários especializados. Em virtude disso, o engajamento que há entre elas tem como condição produtos específicos a cada uma, assegurando, assim, autonomia de modelos, métodos, técnicas e procedimentos de acordo com a área de atividade em estudo.

Desse modo, Barbosa (2009, p. 2), considera que,

(...) Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos, em face do léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a Lexicologia, como estudo científico do léxico. Na realidade, a complexa questão se estende à própria multissignificação de tais disciplinas. Assim, por exemplo, os discursos lexicográficos são concomitantemente registro de palavras e objeto de estudo da Lexicografia como investigação fundamental; esta, por sua vez, objeto da metalexigrafia, enquanto epistemologia da ciência lexicográfica.

Para a pesquisadora, essas mesmas semelhanças entre Lexicologia e Lexicografia existem entre Terminologia e Terminografia, embora não deixe de observar que a Terminologia é o ponto de interseção entre Lexicografia e Terminografia, ainda que sejam distintas como ciências. Ainda segundo a autora, Lexicografia é a ciência das definições, enquanto que a Terminografia, como ciência aplicada, ocupa-se em elaborar modelos para a produção de obras terminológicas/terminográficas no que tange à macro, microestrutura e ao sistema de remissivas.

Barbosa (2009) reforça esse enquadre teórico ao afirmar que uma ciência se diferencia da outra porque uma obra lexicográfica recupera, compila, armazena as unidades lexicais objetivando chegar aos seus significados, explicando-os através de definições, enquanto uma obra terminológica ou terminográfica recupera, compila e armazena as denominações oriundas dos “recortes” científicos ou técnicos. Dessa forma, não se pode dizer que a Terminografia substitui a Lexicografia, mas deve-se considerar o que diz Krieger & Finatto (2004, p. 13):

(...) ao lado de fundamentos teóricos, há também uma dimensão aplicada [da Terminologia], refletida na produção de glossários e dicionários técnicos, entre outros instrumentos de organização formal das terminologias.

Estabelecidas as diferenças entre as duas ciências, procurou-se descrever as especificidades relativas às macro e microestruturas utilizadas em dicio-

nários especializados e glossários. Para isso, o apoio teórico de Rey-Debove (1995) e Cabré (1993) foram fundamentais, além de outros estudiosos. Barros (2002, p. 1), ao citar Rey-Debove, menciona que a autora define dicionário e identifica alguns aspectos fundamentais para isso, entre eles:

(...) o dicionário é uma obra de consulta em que o programa de informação é constante e organizado por uma dada ordem; as entradas são obrigatoriamente de natureza lingüística; o dicionário possui um caráter didático; o enunciado lexicográfico transmite informações sobre o signo-entrada; [...] normalmente, as entradas destes dicionários seguem uma ordem puramente formal; classificação pela forma (alfabética) ou pelo conteúdo (sistemático): geralmente as classificações pelo conteúdo são seguidas de um índice alfabético. A combinação destes dois tipos de classificação é possível por meio de uma dupla macroestrutura, ou seja, um agrupamento do conteúdo em um verbete onde a entrada foi ordenada alfabeticamente. Neste caso, a repetição da entrada é substituída no corpo do verbete por um traço e os diferentes sentidos são indicados por um número.

Procedimentos Metodológicos

No decorrer da história da língua portuguesa, pode-se constatar que o idioma foi integrando Unidades de Conhecimento Especializado (UCEs) que denominam conceitos vinculados a várias especialidades em algumas obras lexicográficas.

Com o status de Ciência, a Terminologia começa sua trajetória ao lado da Lexicologia e Lexicografia, sobretudo nos cursos de Pós-Graduação em algumas Universidades brasileiras, fortalecendo as Ciências do Léxico.

Essa investigação assentou-se no percurso metodológico de caráter bibliográfico e qualitativo, pois teve o *corpus* definido a partir de textos especializados impressos e eletrônicos, como dicionários técnicos e científicos prontos e publicados. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, a opinião dos pesquisadores está integrada ao estudo no que tange às reflexões acerca do fazer terminológico e terminográfico.

Silva (2010, p. 101) fez os primeiros registros terminológicos em obras lexicográficas portuguesas e destacou algumas que contêm registros do léxico temático ou de especialidade. São elas: *Vocabulario portuguez e latino* (1712): Raphael Bluteau; *Elucidário das palavras, termos e frases* (1798): Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo; *Dicionário da língua portuguesa* (1789): Antonio de Moraes Silva; *Novo dicionário da língua portuguesa* (1975): Aurélio Buarque de Holanda.

No percurso da Terminologia no Brasil, ao longo da história da língua portuguesa, é possível constatar que o português falado no território brasileiro foi incorporando Unidades do Conhecimento Especializado - UCEs que estão vinculadas a diversas áreas do conhecimento técnico. Essas UCEs, a princípio, estão presentes em produtos lexicográficos, a exemplo do *Novo dicionário da língua portuguesa* (1975), de Aurélio Buarque de Holanda, que registra grande número de UCEs advindos de empréstimos recebidos do tupi e de línguas africanas relativas à religião, fauna, flora, culinária.

No âmbito empresarial, a Terminologia tem sido aplicada com finalidade normativa, principalmente entre os membros que compõem as comissões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – normas de terminologia, juntamente com as normas de procedimento, de especificações, de método de ensaio, de padronização, de simbologia e de classificação elaborada por especialistas de várias áreas (eletricidade, mecânica, veículos e autopeças, equipamento e material ferroviário) (CUNHA, 1996).

Segundo Alves (1998), a Terminologia no Brasil começou a se desenvolver e ser praticada de maneira sistemática a partir de meados da década de 80. Em 1986, houve a criação do Grupo de Trabalho Lexicologia e Lexicografia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll). Em 1988, no III Encontro da Anpoll no Rio de Janeiro, esse grupo de trabalho

passou a denominar-se Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. No ano de 1990, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) publicou o *Cadastro de Fontes Terminológicas*.

Quanto à formação em Terminologia, de acordo com Krieger & Bevilacqua (2005) e SILVA (2010), alguns cursos dedicados ao ensino da tradução já introduziram a disciplina Terminologia em sua grade curricular. As universidades pioneiras na oferta da disciplina Terminologia, sobretudo nos cursos de pós-graduação em Linguística, foram USP, UnB, UFRGS, UNESP/FCLAr, UFPE. Posteriormente, UFC, UFU, UNESP/ASSIS/SJRP, UEM, UFSCAR, UFMS também começaram a desenvolver pesquisas em Terminologia, oferecendo esse curso aos seus alunos pós-graduandos.

Na Cooperação Internacional, o Brasil tem participado ativamente de comissões e associações, como a Subcomissão de Terminologia do Mercosul, a Rede Iberoamericana de Terminologia (RITerm) e a Rede Pantalina de Terminologia (Realiter).

Atualmente, há intercâmbios de pesquisadores brasileiros com universidades e centros de pesquisa europeus e americanos.

O ano de 2004 foi marcante para as pesquisas terminológicas pela publicação dos livros *Introdução à Terminologia*, de Kriger e Finatto, e *Curso Básico de Terminologia*, de Lídia Almeida Barros. Destacam-se, ainda, as publicações dos nove volumes da obra *As Ciências do Léxico* (GTLEX).

As perspectivas de trabalho em Terminologia ganharam espaço em pesquisas e as línguas de especialidade tornaram-se importantes no mapeamento do português falado no Brasil, a saber: Terminologia e Cultura, Terminologia e Tradução, Terminologia e Neologia, Terminologia e Informática, Terminologia e Dialetoлогия.

Os resultados das muitas pesquisas desenvolvidas determinaram também uma ampliação de temas de interesse da terminologia, desenvolvidos em dissertações e teses, tais como: estratégias tradutórias em tratados internacionais franco-brasileiros; terminologia jurídica dos tratados; a prefixação no vocabulário técnico-científico: um estudo semântico; a terminologia do caju; a terminologia da cerâmica; a terminologia da culinária; análise da formação de Unidades Terminológicas Complexas; bases para um glossário dos termos da cana-de-açúcar; os termos da Lingüística da Enunciação; o léxico da indústria moveleira; a elaboração colaborativa de terminologias para intercâmbio e difusão de conhecimento especializado.

A partir do exposto, procurou-se responder de que forma a Terminografia pode ser refletida como parte prática da Terminologia. A partir dessa questão, iniciou-se uma pesquisa sobre as disciplinas consideradas ciências do léxico, digo, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia, observando de que forma se engajam e se complementam nos estudos terminográficos, em especial a Lexicografia e a Terminografia.

Com esse propósito, buscaram-se na literatura outros estudos semelhantes e as pesquisas se fixaram em produções terminográficas já publicadas, para se comparar as respectivas macro e microestrutura. Após coletarem-se os dados necessários e organizá-los sistematicamente, pode-se iniciar a interpretação das informações e a análise dos resultados.

Para a coleta dos dados, esta pesquisa buscou outros estudos que culminaram em obras terminográficas, como dicionários de especialidade. As obras que constituíram fontes para nossas pesquisas são de cunho terminológico e/ou socioterminológico, vinculadas ao grupo de pesquisas GeoLinTerm, (Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia- Universidade Federal do Pará). Trata-se de um macroprojeto que pesquisa a realidade léxica do Norte do Brasil,

coletando dados e traçando características nas áreas da Geossociolinguística, da Socioterminologia e da Dialectologia. O GeoLinTerm encontra-se sediado no Laboratório de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA) e é coordenado pelos professores Dr. Abdelhak Razky (UFPA/UnB), Dra. Marilucia Oliveira (UFPA) e Dr. Alcides Fernandes (UFPA).

A esse acervo foram adicionados outros dicionários de especialidade que são de referência nacional e muito apoiaram este estudo. Entre eles estão o Dicionário de Dermatologia (BARROS, 2009) e o Dicionário Terminológico da Gestão pela Qualidade Total em Serviços (SILVA, 2003).

Apesar das obras terminográficas não se restringirem apenas a dicionários, nesta pesquisa toma-se o dicionário especializado como modelo para a elaboração de uma obra terminográfica.

Devido ao grande número de textos terminográficos produzidos no âmbito do GeoLinTerm/UFPA como produto de mestrado na área Análise, descrição e documentação de línguas naturais, pertencente ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Pará (UFPA), para o *corpus* desta investigação, foram selecionados quatro dicionários, produzidos no período de 2010 a 2018: Dicionário da Madeira, 2010; Dicionário do ciclo de produção do alumínio, 2012; Dicionário Fraseológico do Futebol, 2017 e Dicionário do Corte Bovino do Pará, 2018.

A Estrutura dos Dicionários Analisados

O século XX, no Brasil, foi marcado pela produção dos dicionários de língua geral. Os primeiros foram de produção brasileira e portuguesa e todos os outros que vieram a seguir foram produzidos no Brasil. Os dicionários especiais em língua portuguesa abrangem dicionários de sinônimos, de verbos,

de conjunções, de ortografia e tantos outros. Os dicionários especializados são específicos de uma determinada área do saber, técnica ou científica. O *Dicionário Grammatical* de João Ribeiro (1906), por exemplo, é caracterizado como um dicionário especializado, por apresentar uma seleção de termos da gramática portuguesa.

Desde então, os estudos lexicográficos, mais especificamente a lexicografia especializada, atendeu às necessidades dos domínios de especialidade até ocorrer a expansão dos estudos terminológicos, quando houve o reconhecimento de que “ao lado de fundamentos teóricos, há também uma dimensão aplicada [da Terminologia], refletida na produção de glossários e dicionários técnicos, entre outros instrumentos de organização formal das terminologias.” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 13).

Apesar das diferenças tipológicas não serem de cunho universal, Barbosa (2001, p. 39-adaptado), com essa abordagem, assim como outros pesquisadores, definiu o que se deve classificar como dicionário. Seguindo essa orientação tipológica e visando cumprir com os objetivos propostos, este estudo passou a observar como um dicionário terminológico.

A estrutura de um dicionário especializado normalmente apresenta três partes: textos externos, macroestrutura e microestrutura. Neste estudo, objetivou-se a caracterização das duas últimas etapas em dicionários especializados, uma vez que se percebeu, em muitas obras, o cruzamento dessas acepções.

A ordenação da macroestrutura em ordem alfabética é considerada por HAENSCH (1982, p. 452) como o princípio de maior importância. Porém, nada impede que essa ordenação seja feita por famílias de palavras ou campos semânticos, desde que a primeira entrada – um lema – seja seguida por suas derivações. Existem ainda outras possibilidades de apresentação desse componente em obras terminográficas.

Os dicionários que compõem o *corpus* aqui utilizado seguiram os pressupostos de Cabré (1993, p. 329), com a apresentação em ordem alfabética, mas que também poderiam ter seguido a ordem temática. O essencial é que tanto na macroestrutura quanto na microestrutura, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 130), as necessidades dos usuários sejam consideradas sem se negligenciar o objetivo final da obra terminográfica.

A microestrutura observada nas obras durante a pesquisa constitui a estrutura do verbete, a organização interna deste que, seguindo os postulados de Andrade (2000), deve apresentar basicamente alguns paradigmas: informacional, definicional (obrigatório), pragmático e de formas equivalente (em obras bilíngues, trilíngues etc). Entretanto, em dicionários especializados, nem sempre essas informações são comuns a todos os verbetes. Além da definição, geralmente há informações enciclopédicas, históricas, avaliações, discussões, orientações ou justificativas sobre o emprego do termo.

As informações que compõem a microestrutura de um dicionário terminológico são todas importantes, mas nenhuma é tão essencial quanto à definição. É considerando o tipo de texto definitório que os verbetes são organizados em dicionários especializados e o terminólogo/terminógrafo, usando seu conhecimento, (re)significa uma UT.

Finatto (2001, p. 81) destaca que “a microestrutura ou verbete do dicionário terminológico, também à semelhança do que ocorre na lexicografia geral, pode ser considerada seu núcleo principal, quer por seu conteúdo, quer por sua forma”. Assim, inicia-se o processo de descrição dos verbetes encontrados. Sem dúvida, tais verbetes podem servir de modelo para futuros trabalhos que objetivem a elaboração de obras terminográficas.

Como dito anteriormente e seguindo os postulados de Finatto (2001), observou-se que, em dicionários terminológicos, a definição é obrigatória na

microestrutura do verbete e pode ser acompanhada de informações enciclopédicas, históricas, avaliações, discussões, explicações ou justificativas de usos para o emprego de determinado termo; a indicação do termo que encabeça o verbete pode se apresentar no plural, no feminino, verbos podem estar flexionados; é comum a indicação de remissivas, com sinônimos, parônimos, antônimos, termos relacionados ou aproximados para construir pequenos conjunto de unidades terminológicas inter-relacionadas que complementam a informação, ou pela necessidade de indicar a oposição; a microestrutura do verbete terminológico traz pelo menos uma definição, que corresponde a um ou mais significados do termo; em alguns casos, como nos glossários de algumas normas técnicas, pode haver apenas a indicação de um sinônimo ou a apresentação de um contexto de uso do mesmo; há casos na microestrutura do dicionário terminológico em que o terminólogo/terminógrafo acrescenta à definição, ou apresenta como nota explicativa, comentários e julgamentos que julga necessários ao entendimento do verbete (ALVES COSTA, 2015, p. 88-89). A vista disso, a representação do verbete configura-se de:

ENTRADA + CAMPO SEMÂNTICO + SUBCAMPO SEMÂNTICO + INFORMAÇÃO GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (FONTE) ± variante em português ± variante em outra língua ± nota ± remissiva ± foto ± vídeo.

A microestrutura apresentada foi proposta por Faulstich (2010, p. 35), mas adaptada por Razky ao inserir a possibilidade de segmentação das entradas em campos semânticos e subcampos semânticos favorecendo a sistematização do léxico especializado, além de direcionar a organização do mapa conceitual. Atende, de forma satisfatória, à descrição dos termos e das fraseologias que compuseram os dicionários pesquisados. Os itens antecidos pelo símbolo de adição (+) são obrigatórios nos dicionários analisados. Já aqueles que são antecidos pelo símbolo de subtração logo abaixo de adição (±), não são obrigatórios.

Todas as decisões teóricas e metodológicas a respeito da coleta de dados, extração das unidades terminológicas do *corpus*, entradas, enquadramento conceitual, categorização, definição, contextualização, variação, remissão e nota deverão constar na microestrutura da obra, que informará ao consulente por meio de Chave de Leitura ou pelo próprio corpo do verbete.

Mesmo localizadas no interior da microestrutura, segundo Bacellar (2002, p. 106-107), as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes, sinônimas. Nos dicionários terminológicos, as remissivas costumam ser apresentadas pela etiqueta *cf.* As remissivas interligam formas mais gerais com outras mais específicas. Enquanto as variantes basicamente reúnem os sinônimos, as remissivas expressam conceitos que interligam os hipônimos e hiperônimos.

Mesmo que um dicionário faça uso de todos os itens sugeridos pelos autores, não se pode esquecer que tal referência é feita a partir da possibilidade de inserção dos termos e das fraseologias especializadas em dicionário da língua geral.

Um dicionário terminológico deve proporcionar uma consulta rápida que permita ao consulente chegar ao significado e às características de uso de uma palavra, expressão ou frase peculiar a determinado domínio. As entradas na obra terminográfica devem referir conceitos peculiares a uma área científica ou técnica, ainda que sigam as mesmas regras morfossintáticas, semânticas e pragmáticas do sistema da língua portuguesa, o conteúdo e a forma de apresentação das unidades terminológicas é diferenciado, uma vez que a definição daquela unidade no texto especializado é que assume maior destaque.

A maioria dos dicionários terminológicos são eletrônicos ou impressos e têm macroestrutura de ordem sistemática, seguindo o mapa conceitual ou

árvore de domínio, ou adotam a ordem alfabética, podendo se apresentar também de forma mista. A microestrutura que apresentam, embora poucos sejam eletrônicos, tem duas formas de visualização: a comum, formatada assim como os dicionários impressos, e a descritiva, na qual a descrição do termo obedece a uma ordem hierárquica.

Tendo em vista que tanto a macro quanto a microestrutura dos dicionários devem resultar da combinação entre os objetivos pretendidos pela obra e pelo público-alvo esperado, buscou-se o estudo realizado por Oliveira e Razky (2016, p. 287-310). Nele, os pesquisadores constataram o pressuposto de que termos, fraseologias especializadas e variações resultam sempre das percepções e dos usos que são realizados durante o desenvolvimento das atividades técnicas ou científicas. Logo, a importância, enfim, de obras terminográficas como um dicionário, composto por termos e fraseologias especializadas, não só atende às necessidades de um domínio especializado, mas pode ser um aporte linguístico para o estabelecimento de relações científicas, técnicas, comerciais, além de constituir um registro de caráter eminente e documental de um léxico de especialidade.

Resultados e Discussões

O percurso desta investigação segue a orientação de Krieger & Finatto (2004, p. 50,) ao considerarem que Lexicografia e Terminografia têm a mesma finalidade de produzir dicionários. Pauta-se, ainda, pela certeza de que a primeira o faz na língua geral de um ou mais idiomas, e a língua geral sempre apresenta termos de especialidade, mas estes não constituem seu objetivo, diferente da Terminografia que prima pelas linguagens de especialidade, pois parte da Terminologia referente a algum domínio especializado. As obras terminográficas visam atender às necessidades específicas de uma área, de deter-

minado domínio científico ou técnico e, por isso, apresentam grande variedade tipológica, uma vez que resultam dos diversos discursos daquele segmento em análise.

Os estudos realizados evidenciaram que o dicionário ou qualquer obra terminográfica resulta de um planejamento que tem como alicerce a metodologia em que os objetivos específicos são diluídos de acordo com a organização das diversas etapas do trabalho. Para isso, a Terminografia sempre conta com o apoio da tecnologia desde a compilação de um *corpus* até o reconhecimento informatizado de termos e da construção de bancos de dados eletrônicos.

Considerando que este trabalho objetivou abordar questões relativas ao fato de a Terminografia constituir-se em forma aplicada da Terminologia e não apenas uma forma sinônima da Lexicografia Especializada, buscou-se aqui apresentar algumas reflexões a respeito de obras terminográficas, especialmente os dicionários especializados, no que tange à macro e à microestrutura apresentadas nesses produtos.

A análise das obras obedeceu a alguns critérios básicos estabelecidos pela ISO (*International Standardization Organization*, 1990:10), como o nível de atualização lexical e a presença ou ausência de definições e/ou dados enciclopédicos. A partir disso, pode-se depreender que os tipos de obras terminográficas são classificados de acordo com a oposição dialética estabelecida por Muller (1968) entre sistema, norma e fala.

De acordo com Barros (2002, p. 2), a partir das considerações propostas por Muller:

(...) coloca as línguas de especialidade e as unidades terminológicas ao nível da norma, mais especificamente da norma de um universo de discurso. As relações acima são representadas pelas três sequências sintagmáticas seguintes, propostas pela autora: a. sistema - universo lexical - lexema - dicionário de língua; b. norma (s) - conjunto-vocabulário / conjunto ter-

minológico - vocábulo/ termo - vocabulários fundamentais / vocabulários técnico-científicos / especializados; c. palavra - sistema de palavras - ocorrência - palavra – glossário. (BARROS, 2002, p. 2)

Ao colocar as UTs e línguas de especialidade ao nível da norma, a pesquisadora considera que o dicionário de língua está no universo lexical, no **sistema** linguístico, aquele que contém todas as unidades lexicais e todos os vocábulos dos diferentes tipos de discurso; o conjunto terminológico composto por vocábulo/termo, vocabulários fundamentais e/ou vocabulários técnico-científicos ou especializados encontra-se ao nível da **norma(s)** e engloba um ou mais universos de discurso.

Desse modo, o conjunto terminológico é um subconjunto do universo lexical e o termo é sua unidade linguística padrão. Os vocabulários técnico-científicos e especializados encontram-se neste nível, e o que tange ao sistema de palavras, ocorrência/palavra/glossário, encontra-se ao nível da palavra, da **fala**. O glossário aqui se insere ao reunir as palavras-ocorrência de um texto específico.

Considerações Finais

A compreensão das diferentes feições das terminologias torna-se imprescindível à produção do conhecimento especializado e à comunicação humana. É necessário o alargamento dos objetos de estudo de natureza terminológica. No entanto, mais que a abrangência temática, importa o aprofundamento e a complexidade dos estudos já realizados e em desenvolvimento, que são fatores determinantes para um reconhecimento cada vez maior de que essa área integra o campo das ciências da linguagem no Brasil.

A luz dessas ciências, as reflexões aqui expostas conduzem à certeza de que a Lexicografia Especializada e a Terminografia apresentam diferenças mais

de cunho didático do que prático. E as fronteiras entre textos terminográficos são tênues, apesar de eles ocuparem área bem restrita. Por isso, percebe-se que muitas vezes não há consenso quanto à organização macroestrutural dos dicionários, do mesmo modo que esse consenso não se mostra no nível microestrutural dessas mesmas obras. Cabe, portanto, ao terminógrafo/terminólogo tomar decisões de acordo com os seus objetivos e seu público-alvo. Portanto, os produtos terminográficos são fundamentais para que o especialista possa disseminar a informação técnico-científica, além de ser uma das condições necessárias para o desenvolvimento desta. A partir disso, destaca-se a importância do conhecimento de que são muitos os fatores que contribuem para a elaboração de um projeto terminográfico, além de que as características tipológicas de uma obra dependem das informações contidas em seus verbetes, do público que se quer atingir, da extensão das entradas entre outros aspectos.

Finalmente, nomear uma obra terminológica como dicionário é mais comum porque valoriza o produto em si. Mas um produto terminológico como um dicionário especializado, por exemplo, deve ser funcional, de modo que o especialista possa conciliar o conhecimento técnico ou científico ao conhecimento linguístico da área em que atua. Para se alcançar essa funcionalidade, alguns critérios importantes, mas nem sempre considerados, precisam ser adotados quando se elabora um dicionário especializado. São eles: conceituar com precisão uma unidade fraseológica de forma clara, e ao selecionar outras construções semelhantes, seguir o mesmo critério de conceituação; inserir marcas de uso referentes a regionalismos ou de uso geral; fazer atualização sempre a cada nova edição; de modo claro e completo, apresentar significado e sempre indicar pelo menos um contexto que exemplifique um termo ou fraseologia especializada inserida no dicionário.

Referências

ALVES, I. M. Breve histórico da língua portuguesa e atividades terminológicas no Brasil. **Terminômetro**. Terminologia no Brasil, número especial, Paris, 1998.

ALVES COSTA, Lucimara. Terminografia *versus* lexicografia especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados e as bases teórico-metodológicas do Dicionário de Lexicografia Brasileira. **Debate Terminológico**. n. 13, jun. 2015, p. 88-89.

ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. *In*: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BACELLAR, F. **Elementos para a Elaboração de um Dicionário Terminológico Bilingüe em Ciências Agrárias**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.p. 106-107).

BARBOSA, M. A. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. *Anais do II Simpósio Latino Americano de Terminologia*. Brasília. 1990.

BARBOSA, M. A. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, Terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. *Anais. USP*, Brasília: Cnpq/Ibict, 1992.

BARBOSA, M. A. **Dicionário, vocabulário, glossário: concepções**. *In*: ALVES, Ieda Maria. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.

BARBOSA, M. A. **Terminologia aplicada: percursos interdisciplinares**. **USP. Polifonia**, Cuiabá, n. 17, p. 29-44, 2009.

BARROS, L. A. (Org.). **Dicionário de dermatologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579830341. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109123>>.

BARROS, L. A. **Elementos de História da Terminografia médica no Brasil.** *Revista de Lexicografia*. A Coruña (Espanha), v. XI, p. 7-37, 2005.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da Lexicografia.** *Alfa*, São Paulo, n. 28, p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **As ciências do léxico.** In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.* 2 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001 [1998], 11-20.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia.** São Paulo: UNESP, 2003.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones.** Barcelona: Antártida, 1993.

CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación - elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos.** Barcelona: Institut Universitaride Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. **A terminologia hoje: concepção, tendências e aplicações.** In: KRIEGER, Maria da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). *A terminologia em foco.* Caderno de Tradução. Nº 14. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2004.

CIOBANU, G. **Peculiarities of Terminography.** Boletim científico. Universidade Politécnica de Timisoara. Tom 2, série Limbi moderne, 2003.

CUNHA, D. A. da. **Aspectos do trabalho terminológico na empresa.** *Cadernos de Terminologia*, 1, p. 47-56, 1996.

FAULSTICH, E. **Socioterminologia: escopo e método.** Brasília/DF.UnB: Centro Lexterm, 2010.

FINATTO, M. J. B. **New methods for specialized Lexicography: Brazilian approach examples.** *Lexicographica*, v. 30, p. 247-261, 2014.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica**: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Tese de doutorado: UFRGS, Porto Alegre, 2001.

HAENSCH ET AL.. **La Lexicografía: de la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HARTMANN, R.R.K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London/ New York: Routledge, 1998.

ISO - International Organization for Standardization. Norma 1087: **Terminology - Vocabulary**. Genebra, 1990.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. G. e BEVILACQUA, C. R. **A pesquisa terminológica no Brasil** : uma contribuição para a consolidação da área. 2005. Acesso em 02 de maio 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21287/15350>.

KRIEGER, M. G ET AL. **A Lexicografia brasileira do século XX**: dicionários inaugurais e temáticas. In: *Anais do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

KUDASHEV, I. **Terminography vs. Lexicography Opposition Revisited**. Publikationerav VAKKI, nº 34. Vasa, 2007.

MARTINS, A. F. C. **Dicionário do ciclo de produção do alumínio**, (in Terminologia do ciclo de produção do alumínio (1110 entradas). Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza/Ceará, 2017. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10720>.

MARZÁ, N. E. **Lexicografía Especializada y Lenguajes de Especialidad**: Fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. In: *Linguística*, vol. 27, 2012.

MULLER, Ch. **Initiation à la statistique linguistique**. Larousse: Paris. 1968.

REY, A. **Essays on Terminology**. Benjamins Translation Library. Amsterdam/Philadelphia, 1995.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. The Hague, Paris, Mouton, 1971.

SILVA, M. M. A. da. **A ciência da terminologia: bases históricas e sua importância no século XXI**. In. HWANG, Álvaro David; NADIN, Odair Luiz. *Linguagens em Interação III: Estudos do Léxico*, p. 100-102, Maringá: Chichetec, 2010.

OLIVEIRA, R.U.G.S. **Dicionário do Corte Bovino do Pará** (*In O léxico especializado do corte bovino: uma abordagem terminológica e terminográfica (1055 entradas)*). Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará, Orientador: Abdelhak Razky, Belém, Pará. 2018.

SALVADOR, C. **Dicionário Fraseológico do Futebol** (*In Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico, 1316 entradas*) Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2017. <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12301>

SILVA, M. M. **Dicionário Terminológico da Gestão pela Qualidade Total em Serviços**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP. 2003.

CAPÍTULO 4

A PEDAGOGIA PÓS-MÉTODO E O ENSINO DE LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS NO BRASIL: EM DEFESA DA ABORDAGEM TERMINOLÓGICO-DISCURSIVA

Jean Carlos da Silva Roveri

Odair Luiz Nadin da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-081-4

Diversos são os pesquisadores que discorrem a partir de diferentes abordagens teóricas sobre Ensino e Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos no Brasil, doravante EALFE¹ (CELANI, 2000; 2005; 2009; CELANI; FREIRE; RAMOS, 2009; TERENCEZI, 2014).

Historicamente, as pesquisas voltadas ao EALFE surgiram a partir do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental, coordenado pela profes-

¹ Apesar de existirem diferentes termos-referência para o assunto, bem como diferentes abreviações, adotamos o termo EALFE por abranger o ensino e a aprendizagem, foco deste artigo. Atualmente, convencionou-se pela academia a abreviatura LinFE.

sora Maria Antonieta Alba Celani, em parceria com importantes professores e pesquisadores no cenário internacional, em convênio com a PUC-SP, a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (CELANI, 2009).

Pensado para o ensino de inglês, o projeto foi responsável por um significativo desenvolvimento científico e por mudanças relevantes no ensino e na aprendizagem de línguas, as quais tinham como foco, naquele momento, o ensino de leitura. Além de criar uma teia de conexão entre diferentes instituições de Ensino Superior no Brasil, houve não só o rompimento com paradigmas consagrados, mas uma busca pelo desconhecido, de forma a construir uma nova metodologia, inacabada, em constante movimento, humano e ético (CELANI, 2009).

Ramos (2009) pontua que, a partir da virada do século XX, houve um *boom* nos estudos teóricos sobre o conceito de gêneros textuais, o desenvolvimento de habilidades comunicativas até então pouco estudadas e a questão do letramento digital e da formação tecnológica no contexto de EALFE. Assim, propomos aqui a retomada da Terminologia para o EALFE por meio da Abordagem Terminológico-Discursiva (ATD) (NADIN, 2022), em um contexto de ensino e aprendizagem pós-método.

Dessa maneira, este capítulo a) discorre sobre a Pedagogia Pós-Método (KUMARAVADIVELU, 2001) e a virada teórico-metodológica do século XX, evidenciando nossa perspectiva ao olhar o processo de ensino e aprendizagem; b) apresenta um panorama geral sobre o EALFE; c) apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa piloto do estado da arte do EALFE no Brasil; e d) resgata a importância da Terminologia para o EALFE por meio da Abordagem Terminológico-Discursiva (NADIN, 2022).

A Pedagogia Pós-Método: a Virada do Século XX no Ensino e Aprendizagem de Línguas

Durante todo o século XX, diversas foram as abordagens e os métodos que movimentaram o processo de ensino e aprendizagem de línguas. Cada uma delas, a sua maneira, desenvolveu-se acompanhando as diferentes correntes linguísticas que ampliaram o cenário acadêmico-científico.

O final do século XX, com o advento da Linguística Aplicada (LA) e a consagração da Abordagem Comunicativa, passou a considerar vários fatores sociais, políticos, linguísticos e teórico-metodológicos, os quais inflaram as discussões científicas. Além disso, a formação docente, a instabilidade gerada pelos indivíduos em sala de aula e as constantes mudanças de hábitos foram alterando os espaços de formação acadêmico-científicos e teórico-práticos.

A fim de (re)pensar essas concepções, surge a Pedagogia Pós-Método (KUMARAVADIVELU, 2003), um sistema tridimensional constituído por três princípios: particularidade, praticidade e possibilidade. Segundo o autor, o primeiro, o parâmetro da particularidade, situa-se em um contexto sensível, baseado numa compreensão real de especificidades locais, socioculturais e políticas na qual se insere. Já o segundo, o parâmetro da praticidade, considera a prática docente, isto é, o agir do professor, seja nas escolhas de técnicas e ferramentas adequadas para as aulas, seja nos métodos específicos, tornando-se capazes de produzir teorias próprias e aplicá-las, um ciclo contínuo de observação, reflexão e ação. Em relação ao parâmetro da possibilidade, o que se tem é uma estreita relação com a pedagogia crítica Freireana, para quem qualquer pedagogia está imbricada ao poder e dominação, pensados para criar e sustentar as desigualdades sociais. Para o autor, esse parâmetro permite o surgimento de uma consciência sociopolítica na interação entre os participantes do processo

de ensino e aprendizagem, possibilitando a formação e/ou transformação das suas identidades pessoais e sociais (KUMARAVADIVELU, 2003, 2012, *apud* VIEIRA-ABRAHÃO, 2015).

Seguindo essa conjuntura, que se desenvolve amplamente no começo do século XXI, Kumaravadivelu (2003; 2006) propõe sua pedagogia a partir de macro e microestratégias que ele considera necessárias para atender os três parâmetros fundamentais. Assim, as macroestratégias são vistas a partir de uma ótica ampla (a abordagem), capaz de conduzir e operacionalizar as microestratégias (o método), que seriam as técnicas, ou seja, os instrumentos utilizados em sala de aula pelo professor.

As macroestratégias propostas pelo autor são: 1-Maximizar oportunidades de aprendizagem; 2- Facilitar interações negociadas; 3- Minimizar incompatibilidades perceptuais; 4- Ativar descobertas intuitivas; 5- Promover conscientização linguística; 6- Contextualizar insumo linguístico; 7- Integrar habilidades linguísticas; 8- Promover autonomia do aprendiz; 9- Assegurar relevância social e 10- Aumentar consciência cultural. (KUMARAVADIVELU, 2003, *apud* VIEIRA-ABRAHÃO, 2015, p. 31)

Assim sendo, considerando as macroestratégias que definem a Pedagogia Pós-Método, podemos identificar aspectos nos quais o professor é o mediador do processo de ensino e facilitador do processo de aprendizagem, minimizando possíveis problemas. Além disso, essa pedagogia possibilita uma conscientização linguística, promovida por meio de descobertas intuitivas, integrando as habilidades e promovendo o protagonismo do aprendiz, situando-o enquanto ser social e cultural, consciente de seu papel transformador.

Nesse sentido, a Pedagogia Pós-Método (KAMURAVADIVELU, 2003; 2006; 2012) caminha na busca de uma alternativa para o método e não um método alternativo, focado na autonomia do professor, do aprendiz e no pragmatismo baseado nos princípios de particularidade, praticidade e possibilidade, os

quais proporcionariam que a aprendizagem em sala de aula pudesse ser construída e gestada pelos professores e alunos.

A seguir, faremos um breve percurso pelo *English for Specific Purposes* (ESP), seu desenvolvimento e seu processo histórico-evolutivo no Brasil, considerando o Projeto de Inglês Instrumental e destacando os princípios-base para o Ensino e a Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos (EALFE).

O Ensino e a Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos: para Começo de Conversa

Originada no idioma Inglês, o processo de ensino e aprendizagem de línguas para fins específicos (EALFE) passou a ser difundido de maneira formal, como uma metodologia de ensino e aprendizagem, na metade da década de 1960. Assim, seu papel era atender as demandas dos profissionais das mais diversas áreas que necessitavam desenvolver habilidades específicas para um determinado fim.

Embora o surgimento dessa metodologia de ensino e aprendizagem tenha início nos anos 60, mais especificamente em 1962 com a publicação do artigo “*Some measureable characteristics of modern scientific prose*”, de Barber (SWALES, 1985, *apud* VIAN JR, 1999), as abordagens anteriores a esse período já traziam indícios de uso da língua com características específicas, quer no desenvolvimento da leitura e da tradução, principalmente, de textos literários, quer na capacitação para o desenvolvimento das necessidades comerciais, políticas e econômicas, como, por exemplo, a reconstrução de cidades destruídas pela guerra e os avanços científico-tecnológicos. Indo mais além:

(...) de maneira informal, o ensino instrumental sempre existiu, basta que consideremos, por exemplo, os contatos entre os impérios antigos, como o grego e o romano, por exemplo, onde, sem dúvida, a língua era utilizada para contato com os novos povos conquistados e, por certo, pelo que se tem

notícia a respeito do ensino de línguas estrangeiras, não havia um ensino de línguas formal, a língua era aprendida, portanto, com o fim específico de estabelecer relações de dominado/dominante entre as partes, o que já representa, por si, um fim instrumental. (VIAN JR, 1999, p. 439).

Ao revermos o processo histórico pela ótica de desenvolvimento do comércio, da saída do feudalismo à ascensão da burguesia e as revoluções industriais, toda história é marcada das relações sociais e econômicas entre os diferentes povos que necessitavam estabelecer comunicação entre si. Assim sendo, precisavam conhecer a língua do outro, criar uma forma de comunicação, na qual a finalidade específica, a aprendizagem para um fim, era o elo condutor.

Embora identifiquemos características do EALFE em outros momentos da história, “Howatt (1984) assinala os anos 60 como o período em que o ensino instrumental começou a tomar corpo como atividade vital na área de ensino (...)” (VIAN JR, 1999, p. 439), tendo o inglês como língua franca, “que deixa de ser uma matéria de estudo e passa a ser um serviço” (ROBINSON, 1980, apud AGUIRRE BELTRÁN, 1998, p. 7), visto as necessidades comerciais estabelecidas no pós-Segunda Guerra com a expansão das atividades científicas, tecnológicas e econômicas.

Por outro lado, os avanços da Linguística, da Psicolinguística e da Sociolinguística sentaram as bases para os desvios dos métodos tradicionais de ensino de línguas e permitiram ensaiar novos enfoques didáticos, baseados nas teorias da aprendizagem, com a finalidade de fomentar a capacidade de comunicação nos campos que assim o requeriam² (AGUIRRE, 1998, p. 9).

Tais necessidades determinaram os avanços nas pesquisas e motivaram a resolução de lacunas nas abordagens já existentes, as quais, como já dito, não satisfaziam todos os indivíduos no processo de ensino. A LA, área que articu-

2 Tradução nossa. “Por otra parte, los avances en los campos de la Lingüística, la Psicolingüística y la Sociolingüística sentaron las bases para las desviaciones de los métodos tradicionales de enseñanza de lenguas y permitieron ensayar nuevos enfoques didáticos, basados en las teorías del aprendizaje, con el fin de fomentar la capacidad de comunicación en los campos que así lo requerían”.

lava diferentes saberes (CELANI, 2000), possibilitou um significativo avanço nos estudos relacionados ao EALFE. Hutchinson e Waters (1987, p. 9) consideram cinco etapas de desenvolvimento do EALFE:

Quadro 1 – Etapas de desenvolvimento do EALFE

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS	CRÍTICAS	PRINCIPAIS AUTORES
Anos 60	Vinculada ao conceito de Línguas Especiais, de Análises de Registros , com a finalidade em identificar características gramaticais e lexicais entre a língua de especialidade e a língua alvo para a aplicação posterior na elaboração de materiais didáticos. O objetivo era a elaboração de materiais relevantes ao aluno por meio da motivação.	Os resultados da análise apontaram apenas características diferentes ou formas gramaticais especiais em comparação a língua de especialidade e a língua alvo. É possível identificar uma metodologia baseada na Abordagem da Gramática e Tradução (AGT), que não atendia as necessidades de comunicação, por exemplo.	Peter Strevens (1964), Hallyday e McIntosh (1964), Jack Ewer (Ewer & Latorre, 1969) e Jack Swales (1971).
Anos 70	Com o interesse voltado para a Análise Retórica ou Análise do Discurso , esta etapa buscava o desenvolvimento das necessidades a partir do conhecimento de como utilizar as orações nos mais variados atos comunicativos. Pode-se dizer que na prática este enfoque supunha a aplicação de modelos textuais e marcadores discursivos.	Este enfoque parte da hipótese/crítica de Allen y Widdowson (1974) de que as dificuldades surgiam porque os alunos não estavam familiarizados com o uso da língua e, portanto, a formação de orações não satisfazia as necessidades de comunicação. Observa-se neste período métodos ainda pautados na AGT, indícios da Abordagem Direta (AD) e, marcadamente, a Abordagem Audio-lingual (AA), que ainda não satisfaziam as necessidades dos aprendizes.	Widdowson, no Reino Unido, e Larry Selinker, Louis Trimble, Jonh Lacksstrom e Mary Todd-Trimble, nos Estados Unidos

<p>Anos 80 – 1ª Etapa</p>	<p>Esta etapa se destaca pela intenção em estabelecer uma Análise da Situação Meta (Chambers, 1980) do ensino e aprendizagem da língua de especialidade. Há a apresentação de um modelo de análise da situação meta bem detalhado, focado no aluno e em seus objetivos comunicativos, na situação, nos meios de comunicação utilizados, nas habilidades, funções e estruturas da língua. Tem-se também o fortalecimento da ideia de que todo o curso deve partir de alguma necessidade do aprendiz.</p>	<p>Este enfoque não acrescentou nada novo, entretanto proporcionou a construção de uma base científica obtida consoante à relação entre a situação meta, ou seja, razões pelas quais os alunos aprendiam uma língua, e a análise das características linguísticas desta situação. Esta etapa é influenciada pela Abordagem Comunicativa (AC), o que possibilita uma sistematização do ensino, levando em conta as necessidades de aprendizagem, agora centro de atenção no processo de elaboração dos cursos.</p>	<p>John Munby (1978), quem apresenta um modelo detalhado de Análise da Situação Meta.</p>
<p>Anos 80 – 2ª etapa</p>	<p>Foco no desenvolvimento de habilidades e competências do ensino e aprendizagem. O enfoque didático propõe centrar-se no desenvolvimento das habilidades de leitura e audição, e naquelas estratégias capazes de possibilitar aos alunos alcançar seus objetivos de comunicação.</p>	<p>Também na década de 80, a 2ª etapa do processo de EAL-FE dava maior atenção aos processos de interpretação e aos argumentos comuns que permitiam compreender o discurso, sem levar em consideração as formas. Este período é marcadamente influenciado pela AC.</p>	<p>Françoise Grellet (1984), Christine Nuttal (1982), Charles Alderson e Sandy Urquarth (1984), que trabalhavam no campo da compreensão leitora.</p>

Anos 90	Enfoque centrado na aprendizagem. A atenção aqui é voltada ao como ensinar e não o que ensinar. Propõe-se um enfoque fundamentado nos princípios sólidos de aprendizagem, nas teorias de aprendizagem.	Até o momento havia pouca atenção voltada ao processo de aprendizagem de forma global. As etapas anteriores haviam se centrado na língua, no uso, nos conteúdos e nas habilidades e competências, deixando em segundo plano as metodologias e a maneira como se ensina. Tem-se agora um olhar para o como ensinar.	Hutchinson y Waters (1987). Embora tenha sido proposta em 1987, esta etapa foi importante para os anos 90.
---------	---	--	--

Fonte: Hutchinson y Waters (1987), adaptado pelo autor.

Considerando o quadro organizativo, notamos que o EALFE se desenvolveu a partir de quatro tendências fundamentais, a saber: a) o ensino e a aprendizagem a partir da análise das características linguísticas de determinadas áreas de estudo e de trabalho, concernente à língua de especialidade; b) a Revolução Linguística, propiciada pelo avanço da LA e da Abordagem Comunicativa, que tirou o foco do ensino e aprendizagem pautados em regras gramaticais, com vistas ao uso real e efetivo da LE, a partir das necessidades do aprendiz; c) o foco no aprendiz, em suas necessidades e atitudes ao aprender uma LE, levando em consideração os interesses dos sujeitos envolvidos; e d) um olhar para o processo de aprendizagem, deixando de lado a concepção do que ensinar para o como ensinar. (HUTCHINSON; WATERS, 1987).

Os anos 90 e o começo do século XXI proporcionaram ao EALFE um grande protagonismo no processo de ensino e aprendizagem, adentrando o cenário de formação docente, visto a crescente demanda voltada para os contex-

tos específicos, ou seja, buscando atender contextos acadêmicos, profissionais e técnicos (GÓMEZ DE ENTERRÍA, 2009). Interessantes pesquisas foram desenvolvidas a fim de atender, seja de maneira inicial e/ou continuada, a conjuntura da formação de professores, conforme aponta Paixão-Mattos (2018) em levantamento feito sobre os trabalhos publicados no Brasil.

O processo de ensino e aprendizagem, condicionado não somente pela evolução linguística e metodológica, mas também pelas transformações econômicas e sociais que a globalização tem potencializado desde o início do século XXI, representou um forte impulso para o estudo das línguas de especialidade, e, em consequência, um aumento do volume de cursos destinados a elas (GÓMEZ DE ENTERRÍA, 2009).

Defendemos aqui a necessidade de inserirmos uma nova etapa ao desenvolvimento do EALFE propostas por Hutchinson e Waters (1987, p. 9), a partir do novo momento científico proporcionado pela virada do século XX e pela Pedagogia Pós-Método. Nesse sentido e com base em uma pesquisa piloto do estado da arte do EALFE no Brasil, chegamos a algumas conclusões preliminares, sobre as quais discorreremos a seguir com o intuito de justificar nossa proposta.

Estado da Arte do Ealfe no Brasil: uma Pesquisa Piloto

No Brasil, o EALFE surgiu como um macroprojeto que ficou conhecido como Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental. O projeto tomou forma a partir de uma viagem que visava identificar interesses e necessidades no EALFE em vinte universidades, do Oiapoque ao Chuí. Essa viagem ficou conhecida como “Transbrasil” (CELANI, 2009).

Diante do resultado altamente positivo, os primeiros passos foram dados com a realização de quatro seminários, em Porto Alegre, Uberlândia, João Pessoa e São Paulo, 1979. A receptividade e o envolvimento dos participantes levaram, então, a uma proposta formal de auxílio ao governo britânico, por meio da então denominada Overseas Development Administration (ODA). Concedido o auxílio para quatro anos (1980-1984), que incluía a participação de três especialistas (KELTS) residentes, Anthony F. Deyes, John L. Holmes e Michael R. Scott, o projeto foi administrado pelo British Council, em convênio com a PUCSP. Foram também obtidos auxílios parciais da CAPES e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). (CELANI, 2009, p. 18)

Com o desenvolvimento das pesquisas e o interesse das universidades, além da participação das Escolas Técnicas Federais (ETF)³, o projeto teve o patrocínio estendido por mais cinco anos (1985-1989). Segundo Celani (2009, p. 18):

a participação das ETF foi de grande importância para o Projeto, dando-lhe um significado mais amplo, tanto em termos de abrangência nacional, quanto de definição de objetivos.

No que se refere aos objetivos, as ETF possibilitaram a ampliação do contexto de desenvolvimento da língua estrangeira, passando ao cenário técnico-profissionalizante e permitindo uma nova tendência no EALFE, de forma conjunta especialmente à Abordagem Comunicativa.

Celani (2009), ao pontuar os avanços do Projeto, e posteriormente do Programa Nacional, no decorrer dos 25 anos de existência, discorre sobre importantes características que fortaleceram o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores, entre elas ser um trabalho conjunto, sem imposições, valorizando o contexto local e o conhecimento prévio, partilhando dificuldades, e, acima de tudo, os resultados bem-sucedidos.

Fizemos, e continuamos a fazer, mudanças: nos hábitos de estudo não produtivos, na tradição de transmissão de conhecimento pelo professor, no entendimento do papel do professor e no do aluno, nos procedimentos considerados apropriados em uma aula de inglês. Insistimos na aprendizagem

3 Na atualidade, trata-se dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

com **um propósito bem definido**, no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem saudáveis. Saímos de uma situação de necessidades definidas por livros didáticos e não pelo contexto. Tomamos decisões sobre conteúdos, materiais didáticos e metodologias baseados nas razões para aprender e não em imposições decorrentes de políticas do momento ou de ditames da moda. Éramos “pós-método” (Kumaravadivelu, 2001) e não sabíamos. (CELANI, 2009, p. 23)

Ao entender-se como pós-método, Celani (2009) observa que, no percurso construído pelos pesquisadores, que fizeram e fazem parte do Programa Nacional, muito se caminha em direção a um processo de ensino e aprendizagem mais amplos, de forma a propor uma redefinição do conceito de necessidades e de construir um processo pautado na atenção ao desenvolvimento de capacidades básicas para propósitos bem definidos, “tendo em vista a função social da língua estrangeira” (CELANI, 2009, p.24). Corroboramos com a autora ao considerar o EALFE a partir de uma Pedagogia Pós-Método (KUMARAVADIVELU, 2001) e vamos além: propomos uma nova etapa teórico-metodológica de análise desse processo, que, a nosso ver, marca as pesquisas no século XXI, a Abordagem Terminológico-Discursiva (ATD) (NADIN, 2022).

A fim de embasar e defender a ATD, realizamos uma pesquisa⁴, do estado da arte do EALFE no Brasil, cujos resultados parciais apresentamos neste artigo. Propusemo-nos a mapear as pesquisas feitas no Brasil nos últimos 12 anos, com o objetivo de identificar um fio condutor entre elas, a partir de uma hipótese inicial que fundamentará nossa proposta. Para justificar a escolha temporal, tomamos a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, antigas ETF, devido a importância para o desenvolvimento e ampliação do Projeto e do Programa Nacional, conforme já tratado.

Na pesquisa, levantamos todos os artigos e todas as dissertações e teses publicados no repositório CAPES. Como palavras-chave, definimos como sendo termos essenciais: fins acadêmicos, fins específicos, fins profissionais e instrumental. Além disso, utilizamos palavras que consideramos variantes aos

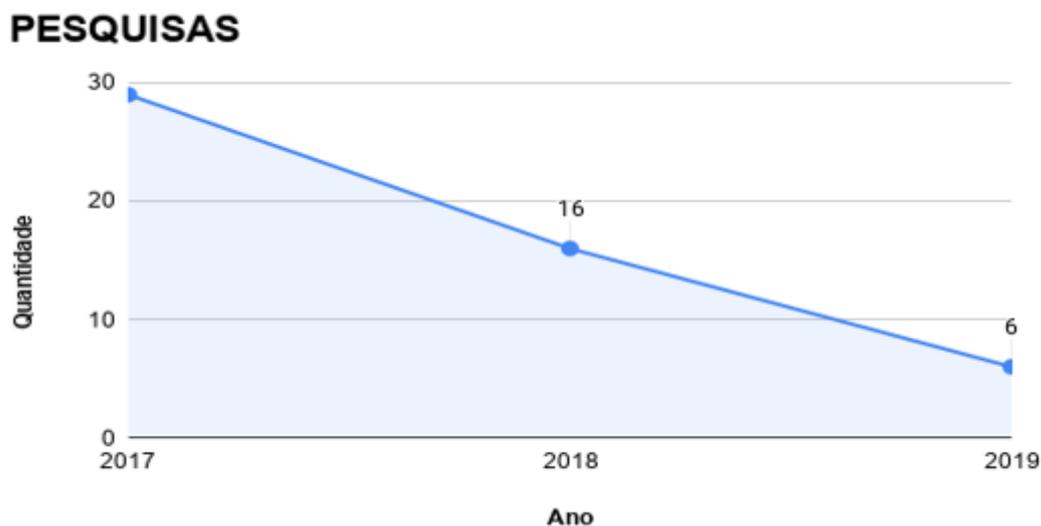
⁴ Os resultados parciais apresentados no presente capítulo fazem parte de nossa pesquisa de doutoramento (em andamento).

termos essenciais, como finalidade e propósitos. Para filtrar ainda mais e ser o mais preciso possível na busca, tomamos alguns termos como secundários, a saber: ensino, aprendizagem, língua, língua estrangeira. Por fim, para refinar a busca, utilizamos as línguas: português, inglês, espanhol, alemão, francês, italiano, japonês, mandarim, russo, latim, grego etc. Na tentativa de apurar ainda mais, valemo-nos do buscador *google* acadêmico, utilizando os mesmos termos para a busca.

Embora nossa pesquisa vise retroceder 12 anos, entre 2009 e 2020, apresentaremos, neste artigo, um levantamento inicial, feito entre os anos de 2017 e 2019, de modo a trazer alguns dados coletados de apenas um dos termos essenciais: fins específicos.

Quantificamos o total de publicações e obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 1 – Pesquisas realizadas entre 2017 e 2019 no Brasil com o termo “fins específicos”.



Fonte: elaborado pelo autor.

Observe que as pesquisas sobre o EALFE vêm sofrendo uma significativa redução. No gráfico a seguir, trazemos as línguas estrangeiras que foram encontradas nas pesquisas:

Gráfico 2 – Línguas Estrangeiras pesquisadas.



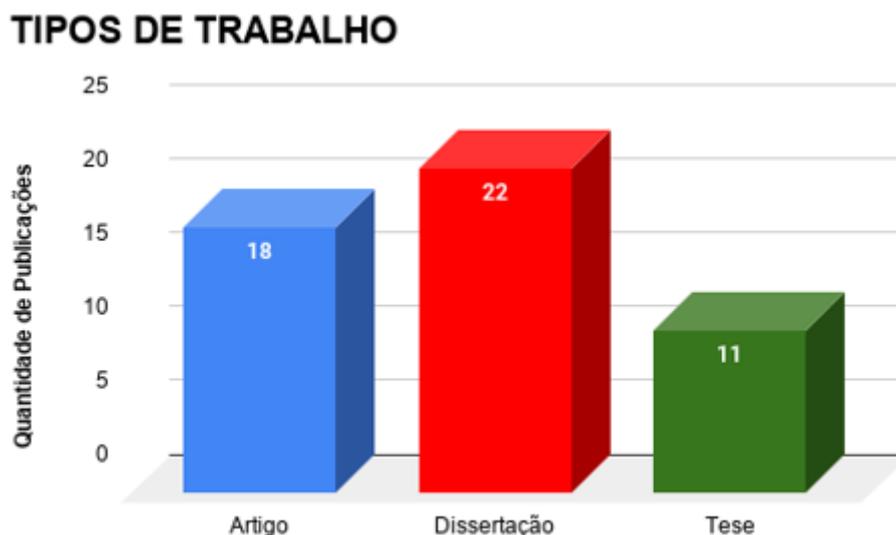
Fonte: elaborado pelo autor.

As pesquisas que têm a língua inglesa como objeto de estudo foram significativamente maiores, conforme ilustrado acima. A língua espanhola ocupa o segundo lugar nas pesquisas, com um crescimento para a língua portuguesa como LE, ocupando uma terceira posição. Chamamos a atenção ao Policialês, que se trata, na verdade, do uso do português do Brasil no contexto de formação de policiais militares, ou seja, termos usados pela polícia que os profissionais em formação devem se apropriar.

Outro ponto relevante são as línguas estrangeiras que aparecem nas pesquisas realizadas. Parece-nos, inicialmente, que tal cenário é reflexo ainda do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental e do Programa Nacional, e que, embora tenham ampliado o escopo de idiomas estudados como fins específicos, as pesquisas não acompanharam tal desenvolvimento, ainda mais tendo o inglês como língua franca e a predominância dada ao ensino e aprendizagem dessa língua no Brasil.

Dos trabalhos encontrados no recorte temporal proposto para este artigo, temos ainda os tipos de trabalhos:

Gráfico 3 – Tipos de trabalho encontrados.



Fonte: elaborado pelo autor.

Note que, se pensarmos na relação mestrado x doutorado, há uma redução pela metade de trabalhos realizados, o que pode evidenciar uma descontinuidade de pesquisas na área de EALFE, afirmação inicial visto o recorte temporal adotado. Identificamos também que, dos 18 trabalhos publicados como artigo, apenas 6 deles são recortes de dissertações e teses. É interessante pontuar que o número de pesquisas de mestrado e doutorado que se tornam publicações é muito pequena, considerando que encontramos no repositório um total de 22 dissertações e 11 teses.

Nesse levantamento inicial, buscamos também analisar os artigos, as dissertações e as teses encontrados, de forma a defender a abordagem teórico-metodológica e que entendemos permear as pesquisas científicas referentes ao EALFE. Para isso, parece-nos oportuno apresentar aqui, utilizando a ferramenta *wordcloud*, uma contextualização das teorias científicas mais recor-

pesquisas feitas no Brasil entre 2017 e 2019. É interessante observar, após a leitura dos artigos e dos resumos das teses e dissertações, que muitos dos trabalhos utilizam os gêneros textuais/discursivos⁵, como instrumentos para propor o ensino e a aprendizagem de línguas para fins específicos, entretanto, não discorrem sobre esses conceitos teóricos. Ainda nessa perspectiva, a grande maioria, quando apresenta uma relação teórico-conceitual entre gênero textual e EALFE em contextos específicos, tomam como *corpus* as terminologias da área relacionada, embora não conceituem teoricamente a Terminologia como ciência utilizada para essa finalidade.

Pontuamos que diversos trabalhos tratam do tema de gênero textual: das 51 pesquisas analisadas, 20 delas partem da relação entre gêneros textuais e o EALFE, seja de maneira direta, discorrendo sobre os conceitos teóricos de gênero, seja de maneira indireta, tomando-os como base para o EALFE. Dos 20 trabalhos encontrados, 9 estabelecem, já no título, a relação entre gêneros textuais e EALFE. Há também uma correlação interessante nesses trabalhos entre a proposta de letramento e/ou multiletramento.

Ainda a respeito das teorias mais recorrentes, apenas 2 trabalhos relacionam e propõem o EALFE a partir do conceito de Pós-Método. Aclarado isso, afirmamos, a fim de justificar a posição teórico-metodológica que defendemos, a necessidade em propormos um ensino e aprendizagem para fins específicos que integre as terminologias prototípicas e os gêneros textuais, uma vez que um número considerável de pesquisas parte inicialmente da relação entre a área, o léxico específico dela e o desenvolvimento de competências e habilidades a partir dos gêneros textuais.

⁵ Não pretendemos, neste momento, diferenciar as vertentes teóricas a respeito dos termos gênero discursivo e gênero textual, embora as conheçamos.

Considerações Finais: a Abordagem Terminológico-Discursiva

A virada do século XX trouxe consigo uma nova concepção de ensino e aprendizagem, a Pedagogia Pós-Método, com importantes contribuições para o desenvolvimento da área, que, a nosso ver, corrobora com o EALFE: o professor é visto como mediador/facilitador da aprendizagem, capaz de minimizar problemas na relação professor-aluno, aluno-aluno e/ou aluno-escola-comunidade, além de possibilitar uma conscientização linguística, promovida por meio de descobertas intuitivas, nas quais as habilidades seriam integradas, promovendo o protagonismo do aprendiz e situando-o enquanto ser social e cultural, conhecedor do seu papel transformador.

Figura 2 – Situando a Abordagem Terminológico-Discursiva



Fonte: elaborado pelo autor.

Visto isso, tentamos evidenciar o que consideramos como uma nova forma de olhar o EALFE no contexto pós-método e considerando-o a partir dos

princípios básicos de particularidade, praticidade e possibilidade, bem como as macroestratégias. Para isso, corroboramos com Celani (2009) ao conceituar que o ensino e a aprendizagem de línguas em contextos específicos no Brasil têm uma característica marcada pela Pedagogia Pós-Método, inacabada e em constante evolução. Embora a autora apenas cite o conceito pós-método, ilustrando sua relação com as características do EALFE, propomos, de maneira ainda inicial, uma etapa teórico-metodológica a partir da Abordagem Terminológico-Discursiva (ATD) (NADIN, 2022), capaz de retomar o uso da terminologia no processo de ensino e aprendizagem, considerando os aspectos preponderantes da Pedagogia Pós-Método.

Nadin (2022) define a ATD como:

Quadro 2 - Definição de Abordagem Terminológico-Discursiva

Abordagem Terminológico-Discursiva *sf* abordagem de Ensino e de Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos (EALFE), de perspectiva interdisciplinar, cujos pilares são o conceito de usos especializados das línguas naturais, de gêneros textuais/discursivos prototípicos de cada área do conhecimento e de sua terminologia.

Sigla: ATD

Termos relacionados: Ensino e Aprendizagem de Línguas para Fins Específicos; EALFE; Terminologia; Terminografia; uso especializado das línguas naturais; competência comunicativo-especializada; competência léxico-terminológica; gênero textual especializado.

Fonte: Nadin (2022)

Assim, tomar a terminologia no processo de ensino e aprendizagem de línguas para fins específicos, considerando-a a partir dos gêneros textuais prototípicos das áreas acadêmicas e técnico-profissionalizantes, faz-se fundamental para o contexto Pós-Método, capaz de resgatar a importância da Terminologia para o contexto de uso da língua e de sua comunidade discursiva.

Referências

AGUIRRE BELTRÁN, B. Enfoque, metodología y orientaciones didácticas de la enseñanza del español con fines específicos. **Carabela**, Madrid, v. 44, n. 2, p. 5-29, set/dez. 1998.

CELANI, M. A. A.; FREIRE, M. M.; RAMOS, R. C. G. **A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos**. São Paulo: EDUC, 2009.

CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M. **Aspectos da Linguística Aplicada**. Florianópolis: Insular, 2000.17-32.

DUDLEY-EVANS, T.; ST JOHN, M. **Developments in english for specific purposes**. Cambridge University Press, 1998.

GOMÉZ DE ENTERRÍA, J. S. **El español lengua de especialidad: enseñanza y aprendizaje**. Madrid: Arco/Libros, 2009.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. **English for specific purposes: a learning centred approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

KUMARAVADIVELU, B. Toward a postmethod pedagogy. **TESOL Quarterly**, v.35, n.4, p. 537-60, 2001.

KUMARAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching: From Method to Postmethod**. Mahwah, NJ: Routledge, 2006.

KUMARAVADIVELU, B. **Language Teacher Education for a Global Society**. New York: Routledge, 2012.

NADIN, O. L. Abordagem Terminológico-Discursiva: pelo resgate da terminologia e da terminografia no ensino e na aprendizagem de línguas para fins específicos no contexto brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 61, n. 1, p. 97–108, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8667674>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PAIXÃO-MATTOS, C. M. **Vou ensinar língua estrangeira num instituto federal:** aspectos da formação do professor de inglês em contexto superior tecnológico de ensino de línguas para fins específicos (ELFE). 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

RAMOS, R. Instrumental no Brasil: a desconstrução de mitos e a construção do futuro. *In: Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Pontes, 2009.

TELES, T. V. S. **O Papel do Ensino de Língua Inglesa na Formação do Perfeito Negociante (1759-1846)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2012.

TERENZI, D. **Princípios norteadores para o planejamento de cursos de línguas para propósitos específicos em curso superior tecnológico (manutenção de aeronaves):** considerando visões de aprendizes, instituição formadora e empregadores. 2014. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2014.

VIAN JR, O. Inglês instrumental, inglês para negócios e inglês instrumental para negócios. **D.E.L.T.A.**, v.15, n. ESPECIAL, p.437-457, 1999.

VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. Algumas reflexões sobre a abordagem comunicativa, o pós-método e a prática docente. **Entrelínguas**, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 25-41, jan/jun. 2015.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Paulo Santiago de Sousa

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, vinculado à Linha de Pesquisa Estudos com Léxico, com ênfase em Terminologia e Terminografia. Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela UFPA. Atualmente é professor substituto da Faculdade de Letras da UFPA, Campus de Bragança.

Mirella Balestero

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, vinculado à Linha de Pesquisa Estudos com Léxico, com ênfase em Terminologia e Terminografia. Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela UFPA. Atualmente é professor substituto da Faculdade de Letras da UFPA, Campus de Bragança.

E-mail: paulosantiago@ufpa.br

SOBRE OS AUTORES

Jean Carlos da Silva Roveri

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Araraquara. Mestre em Docência para a Educação Básica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Bauru (2019). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo/Avaré. E-mail: jean.roveri@ifsp.edu.br

Odair Luiz Nadin da Silva

Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Araraquara. Professor Associado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Araraquara, Brasil.

Pauler Castorino

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), na linha de pesquisa Léxico do português. Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Bolsista Capes. E-mail: paulercastorino@usp.br

Paulo Santiago de Sousa

Professor substituto de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus de Bragança; Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Araraquara. E-mail: paulosantiago@ufpa.br

Theciana Silva Silveira

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
Professora Adjunta do Curso de Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa,
Campus São Bernardo – MA, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
E-mail: theciansilveira@gmail.com

Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Pesquisadora do GeoLinTerm. E-mail: rejane.garcez@gmail.com

PERSPECTIVAS DE PÓS-GRADUANDOS SOBRE OS ESTUDOS DO LÉXICO

NO BRASIL

ARCO
EDITORES ● ● ●

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

